



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

O TEXTO EM CENA: DIALOGISMO E INTERAÇÃO NO ENSINO DO
GÊNERO TEXTUAL CONTO DE FADAS NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL

ALBERTO HÉRCULES DOS SANTOS COELHO BARBOSA

Seropédica – RJ

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**O TEXTO EM CENA: DIALOGISMO E INTERAÇÃO NO ENSINO DO
GÊNERO TEXTUAL CONTO DE FADAS NO 6º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

ALBERTO HÉRCULES DOS SANTOS COELHO BARBOSA

Sob a orientação do professor
Dr. Gerson Rodrigues da Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**, do Curso de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

Seropédica, RJ
Fevereiro de 2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238t Barbosa, Alberto Hércules dos Santos Coelho, 1989-
 O texto em cena: dialogismo e interação no ensino
 do gênero textual conto de fadas no 6° ano do Ensino
 Fundamental / Alberto Hércules dos Santos Coelho
 Barbosa. - 2018.
 101 f.: il.

 Orientador: Gerson Rodrigues da Silva.
 Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Mestrado Profissional em Letras,
 2018.

 1. Dialogismo. 2. Ensino de Leitura. 3.
 Intertextualidade. 4. Conto de fadas. I. Silva,
 Gerson Rodrigues da, 1971-, orient. II Universidade
 Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestrado|
 Profissional em Letras III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

ALBERTO HÉRCULES DOS SANTOS COELHO BARBOSA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras, no curso de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 23/02/2018

Orientador: Prof. Dr. Gerson Rodrigues da Silva - UFRRJ

Prof. Dr. Marcos Estevão Gomes Pasche - UFRRJ

Prof. Dr. Marcelo Andrade Leite – IFRJ

DEDICATÓRIA

Pelo apoio imprescindível, dedico este trabalho a minha família: minha mãe, Regina, meu irmão, Phillipe, minha tia, Elisabete, pelo incentivo e suporte; minha esposa, amiga e companheira Caroline, cujo encorajamento e companheirismo amoroso são parte fundamental da minha vida.

Dedico este trabalho a tantos amigos que, mesmo indireta e anonimamente, estão presentes aqui; aos meus alunos do CIEP 352, por sua participação completa.

Em memória de meu pai, espelho de luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Deus amoroso que nos sustenta com sua firme mão de bondade;

Ao meu orientador, Gerson Rodrigues, pela orientação cuidadosa e encorajadora;

Aos integrantes da minha banca de avaliação, Marcos Pasche, pela boa vontade, gentileza e rigor nas aulas e na avaliação de meu trabalho, e Marcelo Leite, cujo exemplo de profissionalismo muito me influencia e inspira;

À CAPES, pelo suporte financeiro a esta pesquisa;

Aos colegas de caminhada da terceira turma do Profletras da UFRRJ, especialmente ao Fábio, Fernando, Marcelo, Marcelli e Igor, pela amizade, suporte e consolo.

RESUMO

BARBOSA, Alberto Hércules dos Santos Coelho. **O texto em cena: dialogismo e interação no ensino do gênero textual conto de fadas no 6º ano do Ensino Fundamental**. 2017. 101 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

Este trabalho tem por objetivo geral identificar nas teorias do dialogismo e da interação, a partir de Bakhtin e de pesquisadores de suas ideias, estratégias de ensino do gênero textual conto para o desenvolvimento de habilidades de leitura a ele associadas. Temos como hipótese que implementar o dialogismo através da leitura de textos que se relacionam, num processo de intertextualidade explícita ou implícita, comparando-os em perspectivas textuais e contextuais, pode contribuir para uma compreensão leitora mais eficiente dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Para testar essa hipótese, estabelecemos as seguintes etapas de pesquisa: diagnosticar, utilizando perguntas elaboradas de forma tradicional, o nível de compreensão textual dos alunos através de um teste inicial; avaliar os resultados parciais obtidos; implementar leitura diversificada e em diferentes semioses da história da "Chapeuzinho Vermelho", promovendo relações dialógicas entre os textos, a música e o vídeo; avaliar os resultados parciais e implementar o diagnóstico final. Assim, a fundamentação teórica estrutura-se principalmente a partir de obras seminais de Bakhtin (2003, 2013, 2014) e de seus principais pesquisadores, como Fiorin (2016), Brait (2005), organizadora de uma obra sobre dialogismo e construção do sentido em Bakhtin, e Barros & Fiorin (2011), abordando outros conceitos importantes do teórico russo, como polifonia e carnavalização. Para habilidades de leitura, trabalho com o gênero textual conto e construção da proposta de intervenção, utilizamos como referências Koch & Elias (2008), Rodrigues (2012) e Santos, Riche & Teixeira (2013). Optou-se pela pesquisa-ação, por partir do contexto do pesquisador, possibilitando a produção de um conhecimento mais prático.

Palavras-chave: dialogismo; ensino de leitura; intertextualidade; conto de fadas.

ABSTRACT

BARBOSA, Alberto Hércules dos Santos Coelho. **The text on scene: dialogism and interaction in the teaching of the textual genre fairy tale in the sixth year of the Elementary Education school.** 2017. 101 p. Dissertation (Professional Master in Liberal Arts). Research and post-graduation Pro-rectory, Rural Federal University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

This work has by general objective to identify in the dialogism and interaction theories, from Bakhtin and researchers of his ideas, teaching strategies of the textual genre tale to the development of reading abilities associated to it. We have as a hypothesis that to implement the dialogism through the reading of texts that relate to each other, in an explicit or implicit intertextuality process, comparing them in textual and contextual perspectives, may contribute to a more efficient reading comprehension of the sixth year's students of the Elementary Education. To test this hypothesis we have established the following goals: to diagnose, through the application of traditional questions, the reading comprehension level of the students through an initial test; to evaluate the initial results obtained; to implement diversified reading and in different semiosis of the "Chapeuzinho Vermelho" story, promoting dialogical relations among the texts, the song and the video; to evaluate the partial results and to implement the final diagnostic. Therefore, the theoretical foundation structures itself mostly from seminal works of Bakhtin (2003, 2013, 2014) and of his main researchers, like Fiorin (2016), Brait (2005), organizer of a work about dialogism and meaning construction in Bakhtin, and Barros & Fiorin (2011), addressing other important concepts of the soviet theoretical, like polyphony and carnivalization. For reading skills, work with the textual genre Talee construction of the intervention proposal, we used as references Koch & Elias (2008), Rodrigues (2012) and Santos, Riche & Teixeira (2013). It has been opted by the action-research, for it goes from the researcher context, allowing the production of a more practical knowledge.

Key-words: dialogism; Reading teaching; intertextuality; fairy tale.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - FOTOGRAFIAS DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO...79	79
ANEXO B - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ALTERADA APÓS APLICAÇÃO.....81	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aula 1 - questão 1 - Aluno "E"	46
Figura 2 - Aula 1 - questão 1 - Aluna "G"	47
Figura 3 - Aula 1 - questão 2 - Aluna "A"	47
Figura 4 - Aula 1 - questão 3 - Aluno "D"	48
Figura 5 - Aula 1 - questão 3 - Aluna "C"	48
Figura 6 - Aula 1 - questão 4 - Aluno "E"	49
Figura 7 - Aula 1 - questão 3 - Aluna "C"	49
Figura 8 - Aula 1 - questão 3 - Aluna "A"	49
Figura 9 - Aula 2 - questão 1 - Aluna "F"	51
Figura 10 - Aula 2 - questão 2 - Aluna "F"	52
Figura 11 - Aula 2 - questão 2 - Aluno "E"	52
Figura 12 - Aula 2 - questão 3 - Aluno "I"	52
Figura 13 - Aula 2 - questão 3 - Aluna "A"	53
Figura 14 - Aula 2 - questão 3 - Aluno "J"	53
Figura 15 - Aula 2 - questão 4 - Aluno "J"	53
Figura 16 - Aula 2 - questão 4 - Aluna "A"	54
Figura 17 - Aula 2 - questão 4 - Aluno "I"	54
Figura 18 - Aula 2 - questão 5 - Aluno "I"	54
Figura 19 - Aula 2 - questão 5 - Aluna "F"	55
Figura 20 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "F"	55
Figura 21 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "A"	55
Figura 22 - Aula 2 - questão 6 - Aluno "J"	56
Figura 23 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "G"	56
Figura 24 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "B"	56
Figura 25 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "B"	57
Figura 26 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "G"	57
Figura 27 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "F"	57
Figura 28 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "A"	57
Figura 29 - Aula 3 - questão 1 - Aluna "F"	59

Figura 30 - Aula 3 - questão 1 - Aluno "I".....	59
Figura 31 - Aula 3 - questão 1 - Aluna "C".....	60
Figura 32 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "B".....	60
Figura 33 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "A".....	60
Figura 34 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "G".....	60
Figura 35 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "C".....	61
Figura 36 - Aula 3 - questão 2 - Aluno "I".....	61
Figura 37 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "F".....	61
Figura 38 - Aula 3 - questão 3 - Aluna "A".....	62
Figura 39 - Aula 3 - questão 3 - Aluna "F".....	62
Figura 40 - Aula 3 - questão 3 - Aluno "I".....	62
Figura 41 - Aula 3 - questão 4 - Aluna "C".....	63
Figura 42 - Aula 3 - questão 4 - Aluno "I".....	63
Figura 43 - Aula 3 - questão 4 - Aluna "B".....	63
Figura 44 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "B".....	64
Figura 45 - Aula 3 - questão 5 - Aluno "D".....	64
Figura 46 - Aula 3 - questão 5 - Aluno "H".....	64
Figura 47 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "G".....	64
Figura 48 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "A".....	65
Figura 49 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "F".....	65
Figura 50 - Aula 4 - questão 1 - Aluno "I".....	67
Figura 51 - Aula 4 - questão 1 - Aluna "F".....	67
Figura 52 - Aula 4 - questão 1 - Aluna "A".....	67
Figura 53 - Aula 4 - questão 1 - Aluno "D".....	67
Figura 54 - Aula 4 - questão 2 - Aluna "G".....	68
Figura 55 - Aula 4 - questão 2 - Aluna "F".....	68
Figura 56 - Aula 4 - questão 2 - Aluna "A".....	68
Figura 57 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "C".....	69
Figura 58 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "G".....	70
Figura 59 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "F".....	70
Figura 60 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "A".....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro-síntese - Aula 1 - Diagnóstico inicial.....	50
Quadro-síntese - Aula 2 - Dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho"	58
Quadro-síntese - Aula 3 - Dialogando com a terceira versão.....	65
Quadro-síntese - Aula 4: Diálogo em outra semiose e diagnóstico final.....	71

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - UM POUCO DE TEORIA	4
1.1 Pontos de partida: conceitos de língua, texto e leitura.....	4
1.2. Conhecendo a teoria para aplicação em sala de aula: conceitos de dialogismo e intertextualidade.....	7
1.3. Ensino de língua portuguesa e atividades de leitura: explorando as possibilidades do texto.....	12
CAPÍTULO 2 - TRAÇANDO ROTAS: A METODOLOGIA DA PESQUISA	19
2.1. A pesquisa-ação e o docente: diagnosticando e repensando sua prática.....	19
2.2. Participantes e local de estudo.....	20
2.3. Etapas da realização da pesquisa.....	20
CAPÍTULO 3 - O TEXTO EM CENA: ATIVIDADES DIALÓGICAS	22
2.1 Diagnóstico inicial.....	22
2.2. Teoria e prática: proposta de intervenção em sala de aula.....	26
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E INTERAÇÃO: O RELATO DE APLICAÇÃO	46
4.1. Aula 1: diagnóstico inicial.....	46
4.2. Aula 2: dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho".....	50
4.3. Aula 3: dialogando com a terceira versão.....	59
4.4. Aula 4: diálogo em outra semiose e diagnóstico final.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXOS	78

INTRODUÇÃO

É consenso entre educadores que os alunos que ingressam no 6º ano do Ensino Fundamental têm grandes lacunas na leitura, e muitas vezes habilidades de interpretação simples não são alcançadas, mesmo numa leitura orientada. Essas dificuldades são ocasionadas por causas diversas, que envolvem o próprio trabalho pedagógico, problemas de infraestrutura, problemas familiares, sociais e etc., causas que este trabalho não tem condições para avaliar e discutir.

Interessa a esta pesquisa este problema de leitura formulado a partir da seguinte questão: buscando aumentar o repertório de leitura dos alunos do 6º ano, aliado a uma melhora na qualidade do ato de ler, de que maneira teorias como o dialogismo e a interdiscursividade podem contribuir para que os alunos desenvolvam habilidades de leitura importantes para a construção de sentidos?

Para responder a esta questão, temos como hipótese que os estudantes, ao terem contato com diferentes textos do mesmo gênero, dentro de uma perspectiva intertextual, interdiscursiva e dialógica, podem desenvolver as habilidades de leitura que serão descritas na fundamentação teórica deste trabalho.

Por isso formulamos como objetivo geral desta pesquisa a perspectiva de identificar nas teorias do dialogismo e da interação, a partir de Bakthin e de pesquisadores de suas ideias, estratégias de ensino do gênero textual conto de fadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura a ele associadas, implementando proposta de intervenção que privilegie o processo dialógico no ato de ler dos textos a fim de contribuir para o aperfeiçoamento das habilidades e competências selecionadas.

Assim, para alcançar esse objetivo geral, estabelecemos como objetivos específicos: 1. diagnosticar, através de aplicação de perguntas de abordagem tradicional, o nível de compreensão textual dos alunos através de um teste inicial; 2. avaliar os resultados iniciais obtidos; 3. implementar leitura diversificada e em diferentes semioses da história da "Chapeuzinho Vermelho", nas versões dos Irmãos Grimm, Charles Perrault e Pedro Bandeira, promovendo relações dialógicas entre os textos, a música e o vídeo; 4. avaliar os resultados parciais e implementar o diagnóstico final.

Este trabalho acadêmico tem como linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, na área de concentração Linguagens e Letramento, com ênfase na formação do leitor.

Para metodologia da pesquisa optou-se pela pesquisa-ação, uma modalidade de pesquisa que, a partir do contexto do pesquisador, numa perspectiva interativa e participativa, possibilita a produção de um conhecimento mais prático, segundo Thiollent (2004). Essa é uma metodologia que permite analisar a prática de ensino-aprendizagem, diagnosticando problemas e levantando hipóteses de resolução.

Este estudo pretende trazer para o debate e verificar na prática uma teoria tão discutida hoje, aproximando as esferas acadêmica e escolar, buscando desenvolver nos alunos habilidades que os tornarão leitores eficientes e com conhecimento de mundo. Justifica-se este trabalho também por instrumentalizar os professores com estratégias de ensino que privilegiem o texto como objeto de aprendizagem e lugar de interação, tornando as aulas de língua portuguesa mais contextualizadas e próximas da realidade que o aluno vive.

Após o desenvolvimento da fundamentação teórica norteadora da pesquisa, será desenvolvida uma proposta de intervenção constituída de atividades que, utilizando como linha teórica o dialogismo, busquem desenvolver as seguintes habilidades de leitura, conforme o currículo da Secretaria de Estado de Educação, ora denominada SEEDUC:

- Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.
- Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real;
- Identificar e interpretar a “moral da história”, explorando as relações de causa e consequência;
- Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna;
- Inferir o significado de uma expressão a partir do contexto.
- Diferenciar sentido denotativo e conotativo. (SEEDUC, 2012, pg. 7)

Como o eixo do 3º bimestre para esta série é "Contos de fadas e contos maravilhosos", optamos para, como diagnóstico inicial, trabalhar atividades de compreensão textual e do gênero conto através do texto "Chapeuzinho Vermelho", em versão dos irmãos Grimm. Assim, num primeiro momento, os exercícios farão um diagnóstico inicial das habilidades de leitura dos alunos dentro de uma abordagem de análise textual e linguística tradicional, com leitura simples de apenas um texto.

Levantados os primeiros resultados, adaptaremos a linha teórica adotada para trabalho com três versões da mesma *Chapeuzinho Vermelho*: dos irmãos Grimm, de Charles Perrault e Pedro Bandeira. Utilizaremos também diferentes semioses, como a música "Chapeuzinho Vermelho" e o filme *Deu a louca na Chapeuzinho*. Este trabalho se dará com leituras, comparações, discussões e exercícios de análise linguística e do gênero textual. Por fim, será feito o diagnóstico final e a discussão dos resultados.

Esta pesquisa foi desenvolvida no CIEP Brizolão 352 Senador Servero Gomes, localizando no bairro Santa Rita, em Nova Iguaçu - RJ, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental do turno da tarde, com cerca de 40 alunos entre 11 e 14 anos de idade. A escola se encontra numa comunidade de classe média baixa, no interior da cidade. A comunidade possui poucas opções de atividades de leitura e lazer.

O trabalho final será organizado da seguinte forma: uma introdução, contendo a delimitação do tema, objetivos, justificativa e uma síntese da metodologia. O primeiro capítulo descreverá a fundamentação teórica, especificando conceitos e métodos da teoria adotada. O segundo capítulo descreverá mais detalhadamente a metodologia da pesquisa, caracterizando local de estudo, os sujeitos envolvidos e a apuração de resultados. O terceiro capítulo tratará da proposta de intervenção, com seus respectivos textos e etapas. O quarto capítulo descreverá e avaliará os resultados obtidos. As conclusões da pesquisa serão discutidas nas considerações finais.

CAPÍTULO 1 - UM POUCO DE TEORIA

Os estudos linguísticos do Ocidente sofreram grandes modificações ao serem influenciados pelos postulados de Mikhail Bakhtin e seu círculo no século XX, e importantes mudanças nos conceitos de língua, discurso e comunicação ocorreram entre os nossos estudiosos (CAMPOS, 2006).

Por isso, para trabalhar com a teoria do dialogismo e seu autor Bakhtin, destacamos suas ideias e citamos alguns estudos de autores que repercutem o teórico no Brasil, a fim de, juntamente com o conceito, apresentar as mais importantes discussões sobre ele entre os principais pesquisadores brasileiros.

Assim, partiremos de alguns conceitos que são importantes para o desenvolvimento deste trabalho para então discutir o aporte teórico do dialogismo e da intertextualidade, fazer algumas reflexões sobre o ensino de língua portuguesa e descrever orientações que nortearam a elaboração das atividades da proposta de intervenção.

1.1 Pontos de partida: conceitos de língua, texto e leitura

Para Bakhtin (2014), o conceito de língua está ligado diretamente à noção de interação verbal:

... na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística. (p. 98)

A língua, no domínio da manifestação, é essencialmente dialógica porque envolve diferentes locutores numa comunidade, em processo de interação. Ela pode ser dividida em unidades para estudo e análise – sons, palavras, orações –, mas sua realização se dá a partir de um pressuposto: "O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana." (BAKHTIN, 2003, p. 261). O enunciado é, então, a manifestação concreta da língua, sua unidade real de comunicação: "Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua." (Ibidem, p. 265).

Essa noção é importante para nosso estudo porque situa a língua no campo da significação e da comunicação, com implicações bem práticas para seu ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs (BRASIL, 2001), constroem sua própria definição de língua como "... um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade." (p. 22), ou seja, a partir desse conceito, estabelece um ensino que privilegie a interação, a comunicação efetiva e integradora, que reconhece seus sujeitos, seu contexto e suas intenções.

Isso porque "A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*" (BAKHTIN, 2014, p. 128, grifos do autor)

Ora, se a língua manifesta-se através dos enunciados, estes são "...de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante." (BAKHTIN, 2003, p. 271), pois "Toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)" (Ibidem, p. 272). Os enunciados integram uma "cadeira discursiva" em que estão em constante interação: cada enunciado aguarda uma resposta, uma reação, e vão se alternando ininterruptamente, formando a comunicação discursiva. Bakhtin (2003) define mais diretamente:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade de comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina seu enunciado para passar a palavra ao outro [...]. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso [...] (p. 275).

Ao estabelecer o enunciado como unidade real e delimitada pelos enunciadores, o teórico russo atribui ao ato de enunciar as seguintes características: único, irrepetível (à medida que acontece uma única vez, ele só pode ser citado, não repetido), dependente de contextos extralinguísticos para sua compreensão plena.

Essa é uma visão importante para a nossa proposta, pois prenuncia um trabalho com a língua que parte de uma realidade concreta, de um contexto. Brait e Melo (2016) afirmam que "As noções de enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista

histórico, cultural e social..." (p. 65). A comunicação efetiva e seu tempo são objetos de análise considerando as enunciações individuais da cadeia discursiva.

Assim, os elementos dessa cadeia, os enunciados, são constituídos, segundo o autor russo, de três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – que se organizam num determinado campo de utilização da língua em gêneros do discurso, que Bakhtin define como "*tipos relativamente estáveis* de enunciados." (2003, p. 262). Essa organização se dá a partir do falante e de suas escolhas de conteúdo e estilo, pois "Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas da construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)" (BAKHTIN, 2003, p. 282).

O autor separa os gêneros em duas categorias: os gêneros primários formam-se a partir de condições discursivas imediatas, predominantemente orais, como a conversa cotidiana, por exemplo. Os gêneros secundários são predominantemente escritos, surgidos em contextos de comunicação mais complexos e relativamente organizados, que podem ser exemplificados no romance e pesquisas científicas (BAKHTIN, 2003).

Aqui é importante uma distinção feita por Rojo (2005). A autora faz uma divisão "metateórica" em dois campos diferentes de análise: a teoria dos gêneros do discurso (ou discursivos) e a teoria dos gêneros de texto (ou textuais). A primeira leva em consideração sobretudo o estudo das situações de produção dos enunciados, seu contexto sócio-cultural, ligada às ideias bakhtinianas. A segunda centra-se na análise da materialidade textual, da estrutura do gênero.

Embora de cunho mais teórico, essa é uma discussão importante para o ensino de Língua Portuguesa por dois motivos: como as orientações curriculares oficiais organizam o ensino pela via dos gêneros, acaba havendo uma tendência de se abordá-los apenas pela segunda teoria, da análise estrutural e formal, muitas vezes sem considerar o contexto de produção daquele gênero e sua relação com outros textos.

É nesse sentido que o trabalho, tendo como pano de fundo o dialogismo que ora propomos, aqui se insere: uma perspectiva que equilibre as duas vertentes para um trabalho com o texto escrito de maneira mais consistente.

A questão do texto escrito também é importante de ser discutida. Fiorin (2016) descreve uma relação dialética para o texto, segundo as ideias de Bakhtin, que vai ao encontro do que estamos propondo aqui:

O texto pode ser visto como enunciado, mas pode não o ser, pois, quando o enunciado é considerado fora da relação dialógica, ele só tem realidade como texto.

Pode-se ter uma Linguística que estuda o texto, mas o faz como uma entidade em si, fora das relações dialógicas, já que essas não podem ser objeto da Linguística.
[...]
O enunciado é da ordem do sentido; o texto do domínio da manifestação. (p. 180)

Essas definições dão um norte ao trabalho com o texto em sala de aula segundo a perspectiva do dialogismo e da interação. Por ser, segundo a concepção de Bakhtin registrada por Barros (2005), "... produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural etc. [...]" (p. 26 – 27), o texto deve ser trabalhado como enunciado, em relação com outros textos e considerando sua temporalidade.

Por isso inferimos que a leitura de um texto é um ato "responsivo" nas palavras do autor russo, o que coloca o leitor de um texto em função ativa no processo de enunciação e resposta. É uma perspectiva que também postulam Koch & Elias (2008), assumindo uma concepção de leitura em que o sentido do texto é construído a partir da interação entre autor-texto-leitor, sendo uma "... atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos" (p. 11), considerando conhecimentos linguísticos, de mundo e interacionais.

Nesse sentido, a leitura não é um ato simples, nem mera obrigação escolar: é um processo que mobiliza diversos saberes para a construção do significado, significado esse que não emerge apenas do texto, mas que também é atribuído pelo leitor; uma concepção que vai ao encontro dos conceitos de dialogismo que descreveremos na próxima seção.

Inferimos também que os gêneros são manifestações concretas dos enunciados orais ou escritos, aparecendo dentro de um suporte: no caso da notícia, por exemplo, pode ser o jornal, revista, *site*, televisão. Essa manifestação acontece também numa semiose, que é definida por Peirce (1974) como a inter-relação de três componentes: signo, objeto e interpretante dentro de um processo de significação, de atribuir significado a um signo.

Os conceitos apresentados apontam para um trabalho com língua portuguesa muito mais amplo do que a mera metalinguagem e reconhecimento de estrutura textual, sugerindo caminhos que busquem a formação de um leitor eficiente e crítico, conhecedor das diversas possibilidades que o texto oferece para produzir sentidos, do contexto de produção e de sua capacidade de produtor de textos relevantes.

Assim, a partir dessas concepções, buscaremos discutir os conceitos de dialogismo e aplicá-los a atividades de leitura e produção de sentido através do gênero textual conto de fadas, buscando desenvolver e aprimorar habilidades de leitura dos alunos do 6º ano do ensino fundamental.

1.2. Conhecendo a teoria para aplicação em sala de aula: conceitos de dialogismo e intertextualidade

Os conceitos de dialogismo, muitas vezes assumindo outros nomes, como "polifonia" e "intertextualidade", são abrangentes e importantes por caracterizar e discutir o caráter de interação da linguagem, colocando-a não só no prisma da comunicação pura e simplesmente, mas como mediadora das relações humanas: "Toda a vida da linguagem, seja qual for seu campo de emprego (a cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.) está impregnada de relações dialógicas" (BAKHTIN, 1970, apud FÁVERO, 2011, p. 50).

Essas relações dialógicas se dão através das inter-relações dos conceitos que expusemos aqui: a cadeia discursiva, composta de enunciados que se alternam o tempo todo em forma de gêneros textuais, também se compõe de enunciados que se relacionam em sua constituição, ou seja: enunciados são formados a partir de outros enunciados.

No momento em que Bakhtin (2003) afirma que "Quando escolhemos as palavras no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua em sua forma neutra, *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados*..." (p. 292), está nos dizendo que não construímos nossos enunciados com palavras neutras, puras, tais como registradas no dicionário, mas tomamos palavras já carregadas com significados atribuídos por outros enunciados. Essa relação existe em três níveis:

Os significados lexicográficos neutros das palavras da língua asseguram para ela a identidade e a compreensão mútua de todos os seus falantes, contudo o emprego das palavras na comunicação discursiva viva sempre é de índole individual-contextual. Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (BAKHTIN, 2003, p. 294).

O dialogismo se estabelece aqui à medida que incorporamos ao nosso enunciado o enunciado do outro, sempre. Por isso o autor afirma que "Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilaridade [...] assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos" (BAKHTIN, 2003, p. 294-295). Aqui há a descrição de que essas relações de diálogo entre os enunciados os formam, configuram o *dialogismo* que constitui a linguagem.

Bakhtin nos diz que "O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas" (2003, p. 298) porque sua constituição se dá a partir do diálogo que estabelece com outros enunciados anteriores e posteriores: uma atitude responsiva e promotora de nova atitude responsiva na cadeia discursiva, como elo dessa cadeia.

O dialogismo é, então, um dos motivos de a leitura ser uma atitude responsiva, uma atitude ativa do leitor na construção do sentido, pois "O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados." (BAKHTIN, 2003, p. 313). Ao ler um texto-enunciado, que também foi construído a partir de outros enunciados repletos de elementos extralinguísticos, o leitor atribui sentido a partir de sua atitude responsiva e enunciativa.

Fiorin (2016), em obra de introdução às ideias de Bakhtin, lista três conceitos de dialogismo: o primeiro como sendo o dialogismo "o modo de funcionamento real da linguagem, [...] o princípio constitutivo do enunciado." (p. 27); o segundo, também denominado de "concepção estreita", é o dialogismo enquanto "... incorporação pelo enunciator da(s) voz(es) de outro(s) no enunciado. [...] forma composicional." (p. 37); e o terceiro conceito, que define o dialogismo como "... princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação." (p. 60).

Interessam a este trabalho apenas o primeiro e o segundo conceitos, que abrangem as propostas de trabalho em sala de aula com o gênero textual conto de fadas.

Barros (2011) assevera que, para Bakhtin, só se pode compreender a noção de dialogismo interacional se mudarmos a concepção de sujeito: ele não é mais um ser único, principal, mas é substituído por diferentes vozes sociais, construindo uma interação histórica e ideológica.

A autora ainda propõe a mesma divisão que Fiorin (2016) adota: a divisão do dialogismo enquanto interação verbal entre enunciator e enunciatário do texto e do diálogo entre os textos produzidos.

Como participantes da construção ideológica do sentido, os integrantes da enunciação têm seus discursos marcados por vozes diversas: é um processo definido por Fiorin (2016): "Todo enunciado constitui-se a partir de um outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, pelo menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, elas estão aí presentes" (p. 27).

O próprio Bakhtin (1979) estabelece esse significado, afirmando:

Nosso discurso em todos os campos da vida e da criação dialógica é cheio de palavras do outro, transmitidas com vários graus de exatidão e imparcialidade.

Quanto mais intensa e diferenciada é a vida social da coletividade falante, tanto maior peso recebe a palavra do outro, como objeto de transmissão, interpretação, discurso, desenvolvimento ulterior etc. (apud Fávero, 2011, p. 55)

Dá a noção do primeiro conceito de dialogismo como constitutivo da linguagem, ou seja, como premissa da comunicação e da interação: estabelece-se sempre uma relação, seja de concordância, discordância, aceitação, negação, polêmica e etc.

Barros (2011), discutindo Bakhtin, ainda afirma que "A alteridade define o ser humano, pois o *outro* é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro..." (p. 28). É o que também postula Brait (2005), dissertando a respeito das ideias de Bakhtin sobre diálogos: "A complexidade do pensamento bakhtiniano, que rejeita a dominância de leituras excludentes, configura uma filosofia da linguagem que, concebendo o *eu* e o *outro* como inseparavelmente ligados e tendo como elemento articulador a linguagem [...]" (p. 12). A autora assevera:

[...] Bakhtin afirma que *tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala.* (BRAIT, 2005, p. 14, grifos da autora)

Essa primeira concepção de dialogismo é importante para a compreensão do enunciado e das relações estabelecidas por ele. É importante também para uma maior compreensão de língua e como aporte teórico do trabalho do professor.

Acreditamos que essa concepção será aos poucos compreendida pelos alunos, embora sem toda a nomenclatura teórica, através do trabalho com o segundo conceito de dialogismo, mais palpável, mais perceptível e necessário de ser trabalhado no ensino de língua: o diálogo entre textos. E esse diálogo acontece de maneiras diferentes.

Bakhtin chama de concepção estreita de dialogismo, segundo Fiorin (2016), maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso:

A palavra usada entre aspas, isto é, sentida e empregada como palavra do outro, e a mesma palavra (como alguma palavra do outro) sem aspas. As gradações infinitas no grau de alteridade (ou assimilação) entre as palavras, as suas várias posições de independência em relação ao falante. As palavras distribuídas em diferentes planos e em diferentes distâncias em face do plano da palavra do autor. (BAKHTIN, 2003, p. 327)

Essas vozes alheias podem ser incorporadas ao enunciado de duas formas, segundo Fiorin (2016): a) discurso abertamente citado e destacado do discurso onde aparece, que Bakhtin denominou "discurso objetivado" e b) discurso internamente dialogizado.

O pesquisador brasileiro destaca que a primeira forma pode ser identificada através de discurso direto e indireto, aspas, indicando citação direta, e negação do discurso a que se faz

referência. A segunda, através da paródia, da estilização, da polêmica e do discurso indireto livre.

Como o segundo conceito de dialogismo diz respeito a um diálogo direto entre os textos, aqui é preciso fazer algumas observações sobre o termo *intertextualidade*. Fiorin (2016) observa que este termo não aparece na obra de Bakhtin. Ele foi popularizado por Julia Kristeva em sua apresentação de Bakhtin na revista *Critique*, na França, em 1967. Aqui a semiótica chama de texto o que o teórico russo chamava de enunciado, definindo a noção de dialogismo por intertextualidade, configurando um uso equivocado:

Este uso é inadequado, porque há, em Bakhtin, uma distinção entre texto e enunciado. Este é um todo de sentido, marcado pelo acabamento, dado pela possibilidade de admitir uma réplica. Ele tem uma natureza dialógica. O enunciado é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação. (FIORIN, 2016, p. 57)

Assim, é possível transpor essa distinção para alunos do 6º ano do ensino fundamental de maneira mais tênue, utilizando as conclusões que o próprio Fiorin estabelece em seu texto:

Se há uma relação entre discurso e texto, poderíamos dizer que há relações dialógicas entre enunciados e entre textos. Assim, deve-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relações entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade. Por exemplo, quando um texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, não há intertextualidade, mas há interdiscursividade. (FIORIN, 2016, p. 58)

Fiorin, em outra obra (FIORIN, 2011), assevera que "A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo." (p. 30).

Assim, utilizaremos a concepção de intertextualidade como diálogo entre os textos, como uma estratégia para construir o repertório polifônico dos alunos com diferentes textos em diferentes semioses. Essa perspectiva será explicitada na descrição da proposta de intervenção.

Para este trabalho utilizaremos o conceito mais estreito de intertextualidade de Koch & Elias (2008), que vão definir como "intertextualidade explícita" o texto que cita a fonte do intertexto, o que corresponde ao "discurso objetivado" de Bakhtin; e de "intertextualidade implícita" a não citação expressa da fonte do intertexto, "... cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias" (p. 92).

Assim, no trabalho com a intertextualidade sob a perspectiva do dialogismo, há a oportunidade de ampliar o repertório de leitura dos alunos através de atividades que explorem

todas essas possibilidades de construção do sentido e reflexão sobre a leitura, mobilizando conhecimentos linguísticos e de mundo, apoiados na concepção bakhtiniana de que todo texto tem um sentido plural.

Além disso, proporcionaremos ao aluno a possibilidade de ver recriada em outras semioses os textos lidos, ampliando ainda mais a noção intertextual, ou seja, buscando uma visão mais abrangente do quanto um texto pode dialogar com outro texto em diferentes suportes, sendo recriado e repercutido. Tudo isso dentro de uma proposta que englobe uma análise linguística do *corpus* do trabalho, tendo como ideias de suporte para a construção das atividades os pressupostos teóricos da próxima seção.

1.3. Ensino de língua portuguesa e atividades de leitura: explorando as possibilidades do texto

As atividades de leitura que serão descritas na proposta de intervenção têm como premissa os alunos a quem essas atividades são direcionadas. Como observa Rodrigues (2012), "[...] o aluno deverá ser parte fundamental desse processo de interpretação ao se considerar o contexto em que ele interage, quais as suas experiências que ativarão determinados conhecimentos e facilitarão o processo de interpretação de textos." (p. 54).

Acreditamos que essa proposta se adequa à teoria que propomos aqui: o enunciado da questão levará em conta os fatores extralinguísticos dos alunos, que Bakhtin definiu como dialógicos, para sua construção, em processo de diálogo permanente. Assim, depois de conhecer o público para adaptar a proposta de intervenção, é preciso uma pequena reflexão sobre o ensino de língua portuguesa e suas tendências atuais.

Lemos (2011) observa que "O processo de aquisição da linguagem vem sendo entendido como construção ou maturação de um conhecimento sobre a língua do qual decorre, portanto, seu uso ou instanciação." (p. 37). Essa é uma concepção que está de acordo com as orientações teóricas mais recentes e com as orientações legais também, pois os PCNs (BRASIL, 2001) postulam um ensino através de gêneros textuais, viabilizando o acesso do aluno à diversidade de textos que circulam na sociedade, proporcionando leitura, interpretação e produção.

É preciso ressaltar que um ensino que busca equilibrar as concepções de gêneros textuais e gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana é um ensino que privilegia a

enunciação como objeto de estudo, ou seja, a língua manifesta em situações reais de uso. Santos, Riche e Teixeira (2013) também postulam essa concepção de trabalho:

[...] o professor precisa mostrar como se usa a língua, em que contexto se opta por uma ou outra construção. Essa abordagem, que considera a diversidade de textos – lidos/ouvidos e produzidos pelos alunos – e as situações concretas de comunicação, pode colaborar efetivamente para desenvolver a competência linguística dos educandos, objetivo principal do ensino de língua portuguesa. (p. 16)

Essa é, portanto, uma postura fundamental para um ensino de língua materna que busca uma aprendizagem crítica e que acontece com base no uso real da língua, de suas manifestações concretas e variadas. É uma concepção também que integra gramática e texto numa análise mais completa.

Travaglia (2011) afirma que "[...] a gramática de uma língua é o conjunto de condições linguísticas para a significação." (p. 41). O autor defende que "[...] texto é a gramática da língua em funcionamento, para comunicar por meio da produção de efeitos de sentido[...]" (p. 50). Nesse sentido, o conhecimento das diversas perspectivas da gramática da língua, ainda que não nomeadas e categorizadas, pode contribuir para um ensino mais abrangente e dentro das atividades que propomos.

Essas concepções se enquadram também nas proposições de Bakhtin (2003, 2013). O teórico chama de estilística o modo como cada enunciador formula seu enunciado, como imprime seu estilo individual na construção linguística de sua enunciação. Considerando este ponto, o autor observa que o ensino de gramática pode acontecer utilizando a estilística (ou determinado gênero textual, a manifestação real da língua:

A gramática (e o léxico) se distingue substancialmente da estilística (alguns chegam até a colocá-la em oposição à estilística), mas ao mesmo tempo nenhum estudo de gramática (já nem falo de gramática normativa) pode dispensar observações e incursões estilísticas. (BAKHTIN, 2003, p. 269)

O autor afirma que qualquer fenômeno da língua tem em si os campos da língua e da estilística. Quando observado apenas pelo sistema da língua, temos o fenômeno gramatical; quando observado pelo prisma da estilística ou do gênero discursivo, temos o fenômeno estilístico. Por isso as duas formas devem combinar-se "organicamente" para análise e ensino (BAKHTIN, 2003.)

Em ensaio sobre aspectos da estilística no ensino da língua, Bakhtin (2013) parte de sua prática em sala de aula da educação básica do interior da Rússia para exemplificar o ensino do período composto por subordinação sem conjunção com o auxílio da estilística, chegando às mesmas conclusões: "As formas gramaticais não podem ser estudadas sem que

se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo." (p. 23).

Com base nesses pressupostos, defendemos neste trabalho o texto como unidade de ensino num processo de leitura, produção e análise linguística; uma proposta que utiliza a metalinguagem, mas que a ela não se limita. Uma proposta que coloque o texto em cena, e que a partir dele se façam conexões com outros textos, se faça análise e reflexão sobre a língua, sobre as possibilidades de construção de sentido, levando em conta elementos linguísticos e extralinguísticos.

O termo *análise linguística* surgiu para categorizar um novo ponto de vista de reflexão sobre a língua e seus usos na escolarização de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos, segundo Santos, Riche e Teixeira (2013) citando Mendonça (2006: 205). Assim, a proposta da análise linguística não é apenas trabalhar metalinguagem a partir do texto, mas ampliar a consciência dos alunos a respeito de questões da gramática tradicional e matérias textuais. As autoras sintetizam algumas características essenciais da análise linguística:

- integração da análise linguística com a leitura e a produção de texto;
- trabalho de reflexão sobre o uso dos recursos linguísticos a partir da análise de casos particulares identificados em textos;
- ênfase nos efeitos de sentidos associados aos gêneros textuais;
- associação entre habilidades epilinguísticas (reflexão sobre o uso) e metalinguísticas (reflexão voltada para a descrição). (SANTOS, RICHE E TEIXEIRA, p. 77)

A partir dessas considerações, o texto assume lugar central nas aulas de língua portuguesa. E seu protagonismo precisa estar claro para o aluno, para que ele perceba a manifestação concreta da língua em suas diversas possibilidades e a importância de conhecer, refletir e participar dessas manifestações.

Sobre o texto como unidade de ensino é relevante destacar outras propostas de Santos, Riche e Teixeira (2013). Em consonância com o que já temos exposto, as autoras observam que o conceito de gênero textual é importante, pois situa o texto social, cultural e historicamente. É um ponto de partida imprescindível, pois orienta a leitura de determinado texto, além de considerar aspectos fundamentais de sua circulação, como o suporte, tipologia textual e interlocutores, todos pontos também importantes para o ensino.

É fundamental também, segundo as autoras, não confundir no processo de ensino as concepções de gênero textual com tipologia textual, mas diferenciá-las e ressaltar que num mesmo gênero podem coexistir diferentes tipologias, por exemplo; conforme veremos nas atividades propostas para intervenção.

Além disso, é necessário considerar que o texto precisa fazer sentido para o aluno, para que o aluno possa atribuir sentido ao texto. Leitura, assim, torna-se uma via de mão dupla, em que:

Aprender a ler, muito mais do que decodificar o código linguístico, é trazer a experiência de mundo para o texto lido, fazendo com que as palavras tenham um significado que vai além do que está sendo falado/escrito, por passarem a fazer parte, também, da experiência do leitor. (Santos, Riche e Teixeira, 2013, pg. 41)

Entendemos que a experiência de leitura na escola precisa ir além da experiência pedagógica e da avaliação; a leitura na escola necessita buscar o prazer do ato de ler e realizar no aluno, através desse ato, uma consciência de si e do mundo, das convergências e contradições, questionamentos e busca de respostas para essa relação complexa e indissolúvel, mediada pela linguagem.

O processo de leitura, portanto, orientado pelo professor, deve caminhar na direção da autonomia do aluno:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, (1993, pg. 59)

Amadurecer o leitor é buscar sua independência, fomentar e respeitar suas escolhas, trazer para a sala de aula textos de seu universo. Por isso as atividades propostas para cada texto não devem atrapalhar, mutilar a leitura – apresentando apenas trechos de textos sem explicação de seu contexto –, mas viabilizá-la, proporcionar a experiência da intertextualidade e provocar reflexões através do dialogismo, já discutidos neste capítulo.

Assim, para que possamos realizar essas ideias, procuramos elaborar para a proposta de intervenção:

[...] atividades de leitura que abarquem vários momentos do contato com o texto, como a pré-leitura – quando se ativam os conhecimentos prévios e se levantam hipóteses –, leitura propriamente dita – quando se trabalham aspectos textuais e linguísticos, produzindo inferências – e pós-leitura – quando se relaciona o texto a outros textos e aspectos contextuais. (Santos, Riche e Teixeira, 2013, pg. 48)

A pré-leitura pode consistir em perguntar aos alunos sobre o texto, se já ouviram falar, o que sabem dele; antecipar expectativas através do título; utilizar uma semiose diferente que tenha uma relação intertextual com o texto – uma música, um vídeo e etc.

A leitura deve ter a orientação do professor. Se for uma história, deve contar com recursos como a entonação ou atividades gestuais. Além disso, pode ter a participação dos alunos: cada um lê um determinado trecho do texto, cada aluno assume a voz de um personagem e etc.

A pós-leitura também pode relacionar o texto a outros textos, inclusive de semioses diferentes; pode abarcar o comentário dos alunos sobre o que foi lido, suas impressões, o que entenderam, o que gostaram, o que não gostaram e etc.

Assim, no processo de leitura do texto, já se terá desenvolvido reflexões para a resolução das atividades de leitura que serão propostas, além de, talvez, se ter despertado interesse pelo texto, por sua história, por seu tema.

Os exercícios, então, não devem ser de mero reconhecimento textual. Questões que partem de um único texto e indagam quantos personagens há, como são, como agem; ou que "mutilam" o texto para que haja mero reconhecimento gramatical são desperdício de toda uma gama de possibilidades que o texto oferece nas perspectivas que foram descritas.

Os exercícios devem ser para os alunos desafios a serem resolvidos, devem promover a reflexão e alargar os horizontes da leitura do texto, auxiliando o estudante na construção de novos sentidos, na identificação de vozes que falam naquele texto, segundo a perspectiva bakhtiniana, na interlocução com outros textos e sobretudo conscientizá-lo de sua língua em processo pleno de manifestação.

É em busca dessa perspectiva que, para tais atividades, adotaremos como metodologia para a criação dos comandos das questões as orientações de Rodrigues (2012):

- (1) Observe uma perspectiva dedutiva: analisem-se os descritores – ou quaisquer outros elementos que sirvam de guia para a construção de questões – antes de se apresentarem os comandos propriamente ditos;
 - (2) Utilize o texto do próprio descritor antes do comando da questão – mesmo que de forma indireta –, para que não se perca o foco na habilidade trabalhada;
 - (3) Procure não pensar as questões como meros exercícios; proponha-se em cada uma um problema a ser resolvido, que se torne um desafio para o aluno;
 - (4) A resposta comentada não deve ser um mero gabarito. Tente articular as respostas com uma proposta de trabalho. Lembre-se de que o objetivo maior será o de tornar os alunos proficientes nas habilidades trabalhadas;
 - (5) Direcione uma fundamentação mais detalhada para o texto das orientações pedagógicas. Se achar necessário, indique uma ou outra fonte em notas, evitando poluir a resposta.
- (pg.73)

Elaborar questões para que os alunos respondam abrange uma série de envolvimento: o currículo que se está aplicando, o material escolhido, as orientações legais para o ciclo trabalhado, o Projeto Político Pedagógico da escola e o aluno, sua percepção de leitura, seu grau de entendimento e etc.

Essas questões não podem ser negligenciadas, tampouco ignoradas no trabalho autoral do professor em sua atuação pedagógica. E quando dizemos trabalho autoral, nos referimos não só à elaboração de questões, mas também à adaptação de exercícios já prontos que nos são entregues para trabalhar com os alunos, seja nos livros didáticos, seja em materiais produzidos por entidades educacionais.

Aqui cabem algumas observações sobre a escolha do gênero textual conto de fadas para este trabalho. Além de constar na maior parte dos currículos do 6º ano do ensino fundamental, o conto é, nas palavras de Kraemer (2009):

Da ordem do narrar, [...] caracterizado formalmente pela brevidade (desenrolar da ação em apenas um episódio), pelo envolvimento de poucas personagens, pelo espaço físico diminuto (lugar único), e pelo tempo marcado por um período muito curto, o que agiliza a análise em um contexto real de sala de aula, uma vez que os gêneros literários mais extensos exercem, na maioria das vezes, menor atração aos alunos e, com efeito, menor adesão deles ao processo. (pg. 4)

Considerando que há grandes possibilidades de os alunos do 6º ano terem pouca experiência de leitura e considerando a difícil realidade de infraestrutura da escola pública, a dificuldade de acesso e reprodução de materiais, objetivamos utilizar o conto porque também facilita o trabalho do professor através de material impresso, sem perder grande tempo com cópias à mão.

Há ainda um outro benefício para a leitura de contos de fadas em sala de aula. Para explicitá-lo, utilizaremos a definição de Piglia (2004):

Há um resquício da tradição oral nesse jogo com o interlocutor implícito; a situação de enunciação persiste cifrada e é o final que revela sua existência.

Na silhueta instável de um ouvinte, perdido e deslocado na fixidez da escrita, encerra-se o mistério da forma.

Não é o narrador oral quem persiste no conto, mas a sombra daquele que o escuta. (p. 100)

A relação narrador-leitor, destacada pelo autor, exemplifica o dialogismo constitutivo da linguagem que expusemos aqui. Piglia destaca ainda a origem oral do conto, a comunicação direta e permanente, a consideração da grande temporalidade na constituição de uma história, ainda que curta, elementos que podem dar margem à discussão dos elementos extralinguísticos que ajudam a compor as relações dialógicas dos textos.

Especificamente em relação ao conto de fadas para leitura infantil, há outro aspecto importante a se ressaltar:

A presença da magia como um elemento capaz de modificar os acontecimentos é o que distingue o conto de fadas. Esse elemento, porém, raramente é manipulado pelo herói, mas por seu auxiliar ou por seu antagonista, pois a personagem principal, aquela que dá nome à narrativa (Branca de Neve, Bela Adormecida, Cinderela, João e Maria), é pessoa desprovida de qualquer poder. Por essa razão, o leitor pode se identificar com ela, vivenciando, a seu lado, os perigos por que passa e almejando uma solução para os problemas. (ZILBERMAN, 2012, p. 141)

Assim, por se tratar de um gênero textual literário, há a possibilidade de fomentar a fruição na leitura, despertando no aluno o prazer de ler, transformando a leitura escolar não só em mero trabalho pedagógico obrigatório, mas em algo estético também, além do fomento à criatividade e imaginação na construção de sentido que o leitor realiza.

Por fim, por tudo que foi discutido até aqui, acreditamos que os caminhos são amplos e as possibilidades teóricas mais amplas ainda, cabendo ao professor escolher a perspectiva que melhor lhe atenda e caiba em sua realidade de trabalho. Por isso objetivamos construir uma proposta de intervenção que diversifique o processo de leitura através de diferentes textos em diferentes semioses, considerando o aluno como interlocutor e participante das atividades propostas, atendendo a pressupostos teóricos e legais em busca de um ensino de língua portuguesa mais eficaz.

CAPÍTULO 2 - TRAÇANDO ROTAS: A METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo descreverá a metodologia utilizada, os participantes, o local de estudo e as etapas desta proposta de pesquisa.

A partir de uma breve conceituação da pesquisa-ação, ou seja, o processo metodológico ao qual se propõe esta investigação, todas as etapas do processo investigativo desta pesquisa serão descritas.

2.1. A pesquisa-ação e o docente: diagnosticando e repensando sua prática

A técnica de pesquisa utilizada para este trabalho será a da pesquisa-ação, que, segundo Tripp (2005), é constituída das seguintes etapas: identificar um problema, planejar uma estratégia de solução, implementar e avaliar as estratégias planejadas e descrever e discutir os resultados.

Este é um tipo de pesquisa que, para além do conhecimento acadêmico em si, busca o "... o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos [...]" (TRIPP, 2005, p. 448), o que se coaduna com a proposta deste trabalho e vai ao encontro de uma proposta de pesquisa acadêmica mais relacionada com os problemas da educação básica.

A pesquisa-ação também se caracteriza por buscar uma proposta de intervenção para o problema identificado, procurando corrigir ou minimizar esse problema, com base nos resultados diagnosticados e em pressupostos teóricos consultados. É um tipo de pesquisa que inclui o pesquisador docente e seus alunos, produzindo um conhecimento que alcança maior divulgação, pois "tende a ser disseminado por meio da rede de ensino e não de publicações como acontece com a pesquisa científica" (Ibidem, p. 449).

Considerando que a pesquisa-ação é método de diagnóstico e aprimoramento da prática, o professor pesquisador, ao tomar a sala de aula da educação básica como contexto de pesquisa, está embasando sua prática com um arcabouço teórico que propicia o reconhecimento dos problemas, sugerindo caminhos para resolvê-los. Sendo assim, a pesquisa-ação é o método mais eficaz para uma proposta de intervenção na prática docente, além de contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Fundamental.

2.2. Participantes e local de estudo

Os participantes desta pesquisa são alunos de uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual CIEP Brizolão 352 Senador Severo Gomes, no bairro Santa Rita, município de Nova Iguaçu, localizado na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. São cerca de 40 alunos no total, com faixa etária que varia entre 11 e 14 anos. No tocante à leitura, a turma não tem o hábito de ler.

A escola fez parte do projeto Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), executado pelo Governo Estadual. Construídos entre as décadas de 80 e 90, na gestão do governador Leonel Brizola, nesses prédios haveria a implementação de educação integral. No entanto, atualmente, já não cumprem esse propósito.

Com cerca de 1000 alunos dos ensinos fundamental e médio, a escola possui 19 salas de aula, biblioteca, laboratório de informática, quadra esportiva, um refeitório e um auditório. Possui salas de diretoria, de coordenação e de professores, além de disponibilizar recursos como projetor e caixas de som no auditório.

2.3. Etapas da realização da pesquisa

A proposta de intervenção compreenderá quatro encontros, considerando dois tempos de aula de cinquenta minutos cada, em que serão desenvolvidas as seguintes atividades:

1º encontro - *diagnóstico inicial* - Leitura superficial de um único texto, com perguntas em perspectiva tradicional de interpretação do que foi lido a fim de verificar os resultados desse tipo de abordagem.

2º encontro - *implementação da proposta* - Leitura do professor com os alunos de duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", com atividades que propõem uma perspectiva dialógica na leitura e interpretação dos textos.

3º encontro - *implementação da proposta* - Leitura e debate sobre a terceira versão da "Chapeuzinho Vermelho", comparando-a com as versões já lidas, realizando as atividades propostas.

4º encontro - *implementação da proposta e diagnóstico final* - Os alunos assistirão ao filme "Deu a louca na Chapeuzinho", em que a tradicional história é recontada de forma

bastante diferente das histórias lidas, perfazendo assim mais uma versão em diálogo com as demais.

Como diagnóstico final, propomos que o aluno responda duas questões comparativas das quatro versões e produza um texto contando a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, para verificarmos como o aluno percebeu, ainda que implicitamente, as relações dialógicas dos textos, identificando o que foi absorvido das versões lidas e que outros discursos ou ideias foram utilizados em sua enunciação ao recriar a história.

Depois de analisados os testes aplicados da proposta de intervenção, selecionamos, como *corpus* desta pesquisa, dez alunos que representam todas as dificuldades e avanços obtidos nos resultados apurados para, assim, exemplificar a tendência das respostas de todos os outros estudantes à proposta de intervenção. Esses alunos selecionados, para identificação nesta pesquisa, doravante serão denominados Aluna "A"; Aluna "B"; Aluna "C"; Aluno "D"; Aluno "E"; Aluna "F"; Aluna "G"; Aluno "H"; Aluno "I" e Aluno "J".

Os textos que compõem a proposta de intervenção, bem como orientações mais detalhadas e aplicação, serão especificados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Descrevemos, neste capítulo, a proposta de intervenção para uma turma do 6º ano do ensino fundamental.

A proposta foi planejada em quatro encontros de dois tempos de aula de cinquenta minutos: uma para diagnóstico inicial, três para a implementação da proposta de intervenção, considerando ainda o último encontro para diagnóstico final.

2.1 Diagnóstico inicial

Optamos por utilizar, como diagnóstico, uma abordagem tradicional do trabalho com o texto em sala de aula. Nesse primeiro momento haverá uma leitura simples feita pelo professor, com atividades também elaboradas de forma comum, de modo a verificar os resultados desse tipo de abordagem.

Para esse primeiro momento, então, teremos a seguinte proposta de atividade:

Aula 1: Diagnóstico inicial

(Recomenda-se que o professor traga o texto e seus exercícios em material impresso. Há uma leitura simples do texto, breves comentários e a resolução dos exercícios pelos alunos, preferencialmente sozinhos, atendidos pelo professor quando houver solicitação.)

Chapeuzinho Vermelho

Irmãos Grimm

ERA UMA VEZ uma menina encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe da menina lhe disse: “Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho. Leve-os para sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para a frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrar nada para a avó. E

quando entrar, não se esqueça de dizer bom-dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa.”

“Farei tudo que está dizendo”, Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava lá no meio da mata, a mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo. Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingão de medo.

“Bom dia, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo.

“Bom dia, senhor Lobo”, ela respondeu.

“Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?”

“À casa da vovó.”

“O que é isso debaixo do seu avental?”

“Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos ontem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la”, ela respondeu.

“Onde fica a casa da sua vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.”

O lobo caminhou ao lado de Chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu como os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou: “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a trilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para outro à cata de flores. Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou para a trilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e, ao entrar na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

“Ó avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para melhor te escutar!”

“Ó avó, que olhos grandes você tem!”

“É para melhor te enxergar!”

“Ó avó, que mãos grandes você tem!”

“É para melhor te agarrar!”

“Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Depois de algumas tesouradas, avistou um

gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levava, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”

1 - O conto de fadas geralmente mistura elementos do mundo real e do mundo imaginário. O que, na história, poderia ser real e o que poderia ser imaginário?

Resposta comentada: o aluno poderá reconhecer como elementos imaginários no texto um lobo com atitudes humanas e duas personagens saindo vivas da barriga desse lobo. Como elementos reais, podem ser observados aspectos do cotidiano, como uma menina levando doces para a avó, passando por lugares comuns e um caçador na floresta.

2 - Qual é a moral da história? Por que se chegou a essa moral?

Resposta comentada: a moral da história é a frase “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”. Chegou-se a ela depois da conclusão da história contada: a filha, ao desobedecer a mãe e pegar um caminho não recomendado, acaba passando por uma experiência perigosa, embora com um final feliz.

3 - No trecho: "Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho." Qual é a expressão usada em sentido denotativo e qual utilizada em sentido conotativo?

Resposta comentada: o primeiro trecho está em sentido denotativo, por se referir à peça de roupa da personagem. A segunda expressão, ao nomear a menina por sua vestimenta, está

em sentido conotativo.

4 - Identifique os elementos abaixo na história lida:

Resposta comentada:

a) Personagens: *Chapeuzinho, lobo, vovó, caçador e mãe de Chapeuzinho.*

b) Narrador: *observador.*

c) Tempo: *passado indeterminado.*

d) Espaço: *casa de Chapeuzinho, floresta, casa da vovó.*

5 - Resuma em poucas palavras o enredo, ou seja, a história contada.

Resposta: o aluno deverá registrar a história de uma menina que, ao levar doces para a avó, resolve mudar o caminho recomendado e acaba enfrentado grande perigo.

O primeiro encontro é composto de atividades tradicionais, de reconhecimento textual, como a questão 1, que aborda elementos reais e imaginários retirados do texto; a questão 2, que praticamente pede uma cópia da moral da história, e a questão 3, que destaca dois trechos e explora os sentidos denotativo e conotativo.

A questão 4 exemplifica bem essa abordagem: enumera os elementos da narrativa com respostas previsíveis, sendo complementada pela questão 5, que solicita um mero reconhecimento do enredo através de um resumo. Essa é a única questão que demanda uma resposta mais autoral do aluno.

Com essa atividade podemos obter um diagnóstico da funcionalidade desse tipo de abordagem e um primeiro momento da leitura dos alunos.

Após esse primeiro passo, iniciaremos a aula 2, elaborada com base nos pressupostos teóricos explicitados no capítulo 1.

2.2. Teoria e prática: proposta de intervenção em sala de aula

Para a segunda aula desta proposta de intervenção, utilizaremos o mesmo texto da aula inicial para estabelecer um diálogo com a segunda versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando também, como introdução, uma abordagem da mesma história em outra semiose.

As respostas comentadas serão realizadas pelo professor. As versões escritas aqui são para uma possível revisão do aluno ao estudar as questões sozinho.

Aula 2: Dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho"

Atividade pré-textual (*O professor pode lembrar com os alunos o texto lido na primeira aula, falar um pouco da história e perguntar quais são as versões do enredo que os alunos conhecem. Depois disso, exibir o vídeo com a dramatização da música “Chapeuzinho Vermelho” (<https://www.youtube.com/watch?v=KIKC-YvKAxQ>), discutir as semelhanças e diferenças das histórias do vídeo e do texto lido.*)

Atividade textual (*Após o momento introdutório, o professor retomará o texto da aula 1 e fará a leitura da segunda versão do texto. Esse momento de leitura pode ser feito pelo professor ou pelos alunos, privilegiando sempre a interação no processo.*)

Chapeuzinho Vermelho

Irmãos Grimm

ERA UMA VEZ uma menina encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe da menina lhe disse: “Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho. Leve-os para sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para a frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrar nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom-dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa.”

“Farei tudo que está dizendo”, Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava lá no meio da mata, a mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo. Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingote de medo.

“Bom dia, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo.

“Bom dia, senhor Lobo”, ela respondeu.

“Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?”

“À casa da vovó.”

“O que é isso debaixo do seu avental?”

“Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos ontem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la”, ela respondeu.

“Onde fica a casa da sua vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.”

O lobo caminhou ao lado de Chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu como os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou: “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a trilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para outro à cata de flores.

Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou para a trilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e, ao entrar na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

“Ó avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para melhor te escutar!”

“Ó avó, que olhos grandes você tem!”

“É para melhor te enxergar!”

“Ó avó, que mãos grandes você tem!”

“É para melhor te agarrar!”

“Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o

lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levara, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”

Chapeuzinho Vermelho¹

Charles Perrault

ERA UMA VEZ uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver . Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse: “Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que está doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga.”

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia. A pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo, respondeu:

“Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando.”

“Sua avó mora muito longe?” perguntou o lobo.

“Ah! Mora sim”, respondeu Chapeuzinho Vermelho. “Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia.”

“Ótimo!” disse o lobo. “Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.”

O lobo pôs-se a correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar castanhas, correr atrás das borboletas e fazer buquês com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito para chegar à casa da avó. Bateu: Toc, toc, toc.

“Quem está aí?”

“É sua neta, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo, disfarçando a voz. “Estou

¹Texto do livro *Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros*, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.” A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: “Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.”

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que pouco tempo depois bateu à porta. Toc, toc, toc. “Quem está aí?”

Ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro teve medo, mas, pensando que a avó estava gripada, respondeu: “É sua neta, Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.”

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: “Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.”

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

“Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo.”

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela:

“Minha avó, que braços grandes você tem!”

“É para abraçar você melhor, minha neta.”

“Minha avó, que pernas grandes você tem!”

“É para correr melhor, minha filha.”

“Minha avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para escutar melhor, minha filha.”

“Minha avó, que olhos grandes você tem!”

“É para enxergar você melhor, minha filha.”

“Minha avó, que dentes grandes você tem!”

“É para comer você.”

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

MORAL

Vemos aqui que as meninas,

E sobretudo as mocinhas

Lindas, elegantes e finas,

Não devem a qualquer um escutar.

E se o fazem, não é surpresa

Que do lobo virem o jantar.

Falo “do” lobo, pois nem todos eles

São de fato equiparáveis.

Alguns são até muito amáveis,

Serenos, sem fel nem irritação.

Esses doces lobos, com toda educação,

Acompanham as jovens senhoritas

Pelos becos afora e além do portão.

Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,

São, entre todos, os mais perigosos.

1 - Você deve ter reparado que há algumas semelhanças nas duas versões da história lida. Os personagens, por exemplo, são os mesmos nos dois textos? Provavelmente você respondeu que sim. Diga quais são esses personagens.

Resposta comentada: Você sentiu falta de alguém no segundo texto? Embora nas duas histórias estejam presentes a mãe, a avó, Chapeuzinho e o Lobo, na segunda história não há o caçador para salvar a menina!

2 - O narrador de um texto é aquele que conta a história, que narra o que fizeram os personagens em algum lugar. Nos dois textos que você leu o narrador é também personagem? Ou ele está só contando o que aconteceu sem participar diretamente?

Resposta comentada: Você deve ter reparado que os dois narradores contam a história sem participar diretamente dela, sem se fazer personagem, certo? É o que chamamos de narrador-observador. Porém, na moral do segundo texto, há um trecho: " Falo “do” lobo", ou seja, há uma primeira pessoa característica do narrador-personagem aqui.

3 - Quanto ao espaço, ou seja, o lugar ou os lugares onde acontece a história, há basicamente dois: a floresta e a casa da vovó. Depois de ler os dois textos, identifique a descrição que Chapeuzinho faz da casa da vovó no primeiro e no segundo texto, e diga quais são as

diferenças das duas descrições.

Resposta comentada: Você reparou que no primeiro texto Chapeuzinho dá uma descrição mais detalhada da casa, destacando inclusive como era o ambiente em volta? Ela diz: "Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta". Já no segundo texto, a personagem descreve com menos detalhes: "Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia."

4 - Nós chamamos de enredo a história que é contada, ou seja, o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, com quem... Provavelmente, depois que você leu as duas histórias da Chapeuzinho Vermelho, percebeu que há algumas pequenas diferenças entre elas. Quais são essas diferenças?

Resposta comentada: Você viu que as diferenças são pequenas mesmo? No primeiro texto, quando Chapeuzinho encontra o lobo na floresta, os dois ainda caminham juntos um pouco; no segundo, não. No segundo texto já não há a presença do caçador para salvar a Chapeuzinho, o que faz com que o final das duas histórias também seja diferente.

5 - Quando lemos uma história, também percebemos que ela se passa em algum tempo. Mesmo que ele não esteja especificado com dia, mês ou ano, podemos dizer se a história se passa no presente ou no passado através dos verbos, que são palavras que indicam ação e tempo. Observe os verbos nesse trecho: " Chapeuzinho Vermelho **abriu** bem os olhos e **notou** como os raios de sol dançavam nas árvores. **Viu** flores bonitas por todos os cantos e **pensou** [...]". Sendo assim, pelos verbos destacados, em qual tempo as histórias se passam?

Resposta comentada: Pelos verbos, podemos perceber que a história é narrada como algo que já aconteceu, no passado. No entanto, como não há uma data específica, podemos dizer que a história se passa em um passado indeterminado.

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são

essas coisas?

Resposta comentada: É possível tirar lições das histórias que ouvimos. A primeira história mostra em sua moral que não devemos desobedecer nossos pais e desviar do caminho que eles orientaram. Já a segunda história mostra que as meninas não devem ouvir "lobos", por mais educados e gentis que eles sejam, pois podem ser muito perigosos.

7 - Leia o trecho: "Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno **capuz** vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam **Chapeuzinho Vermelho**." De acordo com a leitura feita, podemos dizer que as duas palavras têm o mesmo significado? Por que uma está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula?

Resposta comentada: Você reparou que capuz e Chapeuzinho, embora sejam sinônimos, não têm o mesmo significado? Capuz, no texto, é uma peça de roupa da menina; Chapeuzinho é o nome-apelido da personagem, por isso se escreve com letra maiúscula, um substantivo próprio. Já capuz, por ser um substantivo comum, se escreve com letra minúscula.

Atividade pós-textual (Após a realização da atividade, o professor pode conversar sobre a compreensão das duas versões, ressaltando com os alunos semelhanças e diferenças, de qual gostaram mais e se acham que existem mais versões da mesma história, preparando uma introdução para a aula 3)

Na aula 2 retomamos, de forma indireta, as habilidades a serem desenvolvidas nos enunciados e, estabelecendo um diálogo entre as duas versões da história da Chapeuzinho Vermelho (a concepção estreita de dialogismo ou a intertextualidade implícita), trabalhamos os seguintes descritores:

- Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.
- Identificar e interpretar a "moral da história", explorando as relações de causa e consequência;
- Inferir o significado de uma expressão a partir do contexto.
- Diferenciar sentido denotativo e conotativo. (SEEDUC, 2012, pg. 7)

As questões 1 a 5 propõem o reconhecimento dos elementos da narrativa a partir das duas versões da história: o aluno lista os personagens na questão 1, reconhece o narrador-observador na questão 2, percebe os espaços e suas diferentes descrições na questão 3,

identifica o enredo e suas pequenas distinções na questão 4 e identifica, através de uma análise linguística, o tempo na questão 5.

Como questões de reconhecimento, as perguntas apontam elementos no texto, porém preparam o aluno com enunciados que retomam os conceitos do que será reconhecido e especificado.

Além disso, a proposta de dialogismo está implícita aqui no reconhecimento das diferenças pontuais das duas versões, em que o aluno perceberá as relações diretas das duas histórias, mas com características diferentes de seus autores.

A questão 6 propõe que o aluno estabeleça uma relação entre a moral do texto 1 e a moral do texto 2, que, apesar de narrarem praticamente o mesmo enredo, listam proibições diferentes para a personagem principal. É uma estratégia interessante para que o aluno perceba as diferentes perspectivas a partir do mesmo lugar de observação: o mesmo enredo, com diferentes desfechos, é objeto de ensinamentos diferentes. Apesar de não desenvolver conceitos mais complexos como "enunciado" e "enunciador", espera-se que o aluno perceba que autores diferentes extraíram coisas diferentes da mesma história, ou seja, seus enunciados individuais são constituídos de outros enunciados.

Na questão 7 estabelece-se uma relação dialógica a partir da análise linguística: espera-se que o aluno perceba que duas palavras sinônimas funcionam de formas diferentes no contexto: enquanto uma denomina um objeto comum, a outra é substantivo próprio, nomeando a protagonista, o que faz também com que se infira o significado de cada uma numa perspectiva denotativa e conotativa.

A aula 3 dará continuidade à proposta de intervenção aqui descrita:

Aula 3: Dialogando com a terceira versão

Atividade pré-textual (*O professor lembrará com os alunos as versões da história da Chapeuzinho Vermelho lidas, e retomará perguntas feitas na aula 2: Será que ainda existem outras versões da mesma história? O que muda? São com os mesmos personagens?)*

Atividade textual (*O professor fará a leitura do texto ou pode pedir aos alunos que façam essa leitura em voz alta. Depois, antes de responder às questões, explorará as impressões dos alunos, relacionando as três versões da história.*)

Chapeuzinho e o Lobo Mau²

Pedro Bandeira

Há muito, muito tempo, havia uma menininha que estava começando a crescer.

Por isso, ganhou uma capinha vermelha e todo mundo passou a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho.

Chapeuzinho tinha mamãe e tinha vovó.

Devia também ter papai e vovô, mas nenhum deles entra nesta história.

Naquele tempo, não havia televisão, e as vovós, em vez de fazer tricô e assistir novela, faziam tricô e comiam doces.

Por isso, era costume todas as netinhas levar doces para as vovozinhas, e não as vovozinhas trazerem doces para as netinhas, como hoje em dia.

Certa vez, quando a mamãe estava preparando a cestinha para Chapeuzinho levar doces para a Vovó, a menina perguntou:

– Que pãezinhos são esses, mamãe?

– Chamam-se brioches, Chapeuzinho – respondeu a mamãe.

Na verdade, como esta história é francesa, Chapeuzinho sabia muito bem o que eram brioches. Mas dessa vez a menina resolveu fazer essa pergunta para a mãe porque você nasceu no Brasil e pode não saber o que são brioches.

Agora você já sabe: brioches são uns pãezinhos franceses muito gostosos.

– Chapeuzinho – recomendou a mãe. – Está na hora de levar a cestinha de doces para a Vovó. Mas não vá pela estrada da floresta, que lá é muito perigoso!

– Hum... Está bem, mamãe.

Pronta a cesta, com brioches e tudo, Chapeuzinho deu uma beijoca na mãe e saiu pulando alegremente para a casa da Vovó.

Enquanto pulava, a menina ia pensando:

“Pela estrada que dá volta no lago? Ah, por lá demora muito! Vou mesmo é pela estrada da floresta, que é muito mais bonita! Afinal, eu até já ganhei um chapeuzinho vermelho e posso muito bem escolher os meus próprios caminhos, em vez de andar sempre pelos caminhos dos adultos, não é?”

E continuou com seus pulinhos na direção da floresta.

Acontece que, naquele tempo, todos os lobos viviam soltos e famintos pela floresta e não em jardins zoológicos, onde eles ficam instalados com muito mais conforto e comem

² Texto do livro *Chapeuzinho e o Lobo Mau*, de Pedro Bandeira. São Paulo, Quinteto Editorial, 1997.

toda a comida que querem.

Mas, como lobo não é burro, qualquer um deles prefere ficar faminto e solto do que alimentado e preso, não é?

E, naquela floresta, havia um lobo especialmente esperto e terrivelmente faminto.

Enquanto Chapeuzinho atravessava a floresta, o Lobo pensava:

“Hum... está na hora do almoço. Aliás, faz três dias que está na hora do almoço e eu não almocei ainda. Mas, que barulho é esse? Ah! É uma menininha! E com uma cestinha de comida! Vou me esconder atrás desta árvore para ver onde ela vai...”

Sem saber o que estava para acontecer, Chapeuzinho vinha correndo atrás de uma borboleta, quando ouviu uma voz:

– Psiu... menininha! – chamava o Lobo, escondido atrás da árvore.

– Hein? Quem está falando?

– Sou eu – mentiu o Lobo. – O vento que atravessa as folhas das árvores...

– Ahn... Bom dia, Seu Vento...

– Bom dia. Como é o seu nome?

– Isso eu não sei, porque todo mundo que escreveu minha história nunca se lembrou de dizer qual é o meu nome de verdade. Mas meu apelido eu sei. Todos me chamam de Chapeuzinho Vermelho.

– Oh, mas que lindo nome! E o que você leva aí?

– Na cestinha? Tem bolo de chocolate...

– Ai! – gemeu a fome do Lobo.

– ...tem torta de amoras...

– Ui! – torceu-se a barriga do Lobo.

– ...e tem brioches!

– Ai! Ui! – fez o Lobo, que também era francês e sabia muito bem o que são brioches.

– O que foi, Seu Vento? Por que o senhor está gemendo? Estranhou a menininha.

– Ah, não é nada – mentiu o lobo, que era um grande mentiroso. – É que eu estou ventando em cima de uma árvore de espinhos...

Já com um plano terrível em sua cabeça de lobo, o lobo perguntou:

– E aonde vai você com todos esses doces?

– Vou levar para a Vovó, que mora do outro lado da floresta.

– Hum...que menina boazinha! Do outro lado da floresta, é? Hum... Mas não posso ficar mais conversando com você. Tenho de ventar em outras partes. Adeus! Uuuuuuuu...

Chapeuzinho parou, pensou e achou que aquele barulho era mais uivo de lobo que ventada de vento, só que não podia ficar parada e pensando o dia todo e continuou seu caminho.

Como lobo corre muito e menina corre pouco, o lobo chegou primeiro na casa da Vovó e bateu logo na porta: Toc, toc!

– Quem é? – perguntou a Vovó, lá de dentro.

– Sou eu – respondeu o malandro do Lobo, disfarçando o vozeirão. – Sua netinha!

– Chapeuzinho Vermelho! Que bom que você veio me visitar! Pode entrar, a porta está aberta.

A porta fez nhééc!... e, na soleira da porta, a Vovó viu...

– A uva! – adiantaria aquele leitor que ainda se lembra das lições da cartilha.

Só que a Vovó não viu nenhuma uva.

O que a Vovó viu foi...

– O lobo! Socorro!

Quem visse uma vovó gordinha como aquela duvidaria que ela pudesse fugir até de tartaruga.

Mas o que estava à frente da Vovó não era uma tartaruga. Era um lobo.

A Vovó tentou fugir pela porta dos fundos, mas o Lobo era rápido, e ficava mais rápido ainda quando estava faminto.

Abriu um bocão enorme e... nhac! – engoliu a Vovó inteirinha!

– Nham, nham! – fez o Lobo, satisfeito. – Não deu nem pra sentir o gosto, mas deu pra encher uma boa parte da minha barriga tão vazia! Agora é só esperar pela sobremesa... Uma menina gorduchinha e uma cesta cheia de doces e de brioques!

O Lobo estava satisfeitíssimo e planejou uma forma divertida de esperar pela sobremesa:

– Tive uma idéia! Mas que lobo esperto que eu sou! Vou me disfarçar de avó para enganar a netinha!

Foi espiar nas gavetas da Vovó e encontrou tudo o que queria. Pôs-se na frente do espelho e começou a vestir-se de avó.

– Primeiro a camisola... isso! Agora uma touca e, por fim... hum, está faltando alguma coisa... deixa ver...

O que estaria faltando para o lobo ficar igualzinho à Vovó?

Foi aí que o peção do Lobo esbarrou em alguma coisa que a Vovó tinha deixado cair

quando foi engolida por ele.

– Os óculos da Vovó! É isso! Ah, que maravilha! Estou tal qual a velha!

Nesse momento, bateram de leve na porta: Tic, tic!

Mais que depressa, o Lobo enfiou-se na cama e fez voz de velha:

– Quem é? Quem está aí?

– Sou eu, sua netinha.

– Pode entrar, Chapeuzinho – convidou o Lobo, já lambendo os beiços...

A menina entrou e, no quarto meio escuro, olhou para o lado da cama.

Lá estava um vulto de touca enfiado debaixo da colcha.

Não parecia nada com a Vovó, mas a menina sabia que, se alguém estava deitado naquela cama, com aquela touca e com aqueles óculos, esse alguém só poderia ser a Vovó.

Mesmo assim, Chapeuzinho resolveu tirar as dúvidas:

– Como a senhora está diferente, Vovó...

– Você acha, Chapeuzinho?

– Por que esses olhos tão grandes?

– Para te ver melhor... – uivou o Lobo.

– E por que essas orelhas tão grandes?

– Para te ouvir melhor, minha querida...

– Mas por que essa boca tão grande, Vovozinha?

– Queres saber? – riu-se o Lobo. – Queres mesmo? Então... é pra te comer!

– Socorro! – gritou a menina. – O Lobo!

O bicho pulou de camisola e tudo para pegar a menina, só que esqueceu de tirar os óculos, que eram muito bons para olhos de vovó, porém péssimos para olhos de lobo.

Resultado: o Lobo não viu direito aonde ia e foi cravar os dentes no pé da cama!

Sem perder nem um minuto, Chapeuzinho correu para fora.

O Lobo abriu a boca para livrar os dentes do pé da cama e também correu para fora, atrás da Chapeuzinho.

A menina levou muito a sério aquela brincadeira de pegador, só que não adiantou nada.

O Lobo veio por trás com aquele bocão e... nhac! – engoliu também a menina com chapeuzinho vermelho e tudo!

– Ah, ah, ah! Que delícia! Agora, sim, a minha barriga pode parar de roncar de fome!

Naquele instante, apareceu um lenhador, que há tempos estava atrás daquele lobo

malvado. Chegou e achou estranho aquela vovó tão peluda, de camisola e com uma barriga tão grande.

– Ouvi uma gritaria por aqui... – disse o lenhador, meio desconfiado, ajeitando a espingarda que trazia. – Você sabe o que foi?

Com vovó e com menina, o Lobo até que podia, mas, com um lenhador fortão, a coisa era diferente.

O jeito era disfarçar. E o melhor meio de disfarçar é ir logo dando bronca:

– Vê se dobra a língua! Quem lhe deu licença de me chamar de “você”? Seu malcriado! Eu sou uma senhora!

O lenhador achou meio estranha aquela voz de falsete e estranhou mais ainda aquela vovó com uma barriga quase estourando a camisola...

– Desculpe, dona... Mas eu estou achando a senhora uma vovó meio diferente...

Naquele momento, a barriga do Lobo roncou.

Foi mais do que um ronco. Foi...

– Um pum! – diria um leitor mais safadinho.

Sem brincadeira, tá? Esta história está chegando ao seu ponto mais importante e é melhor prestar atenção em vez de ficar fazendo brincadeiras!

O que saía da barriga do Lobo era mesmo um pedido de ...

– Socorro! Estamos aqui!

– Aqui? – desorientou-se o Lenhador, sem saber de onde vinha aquela voz tão fina e abafada.

– Aqui onde?

– Aqui! Dentro da barriga do Lobo!

O lenhador nunca tinha ouvido barriga falar e, como era muito inteligente, logo percebeu o que estava acontecendo.

– Seu malvado! Você não é senhora coisa nenhuma! Na certa é o lobo que ando perseguindo!

– Socorro! Socorro! – repetiu a vizinha da Vovozinha dentro da barriga do Lobo.

– Socorro! – remedou o Lobo, apavorado, tentando fugir para a floresta, de camisola e tudo.

Mas estava pesadíssimo depois daquela dupla refeição.

Foi só o Lenhador levantar a espingarda e... pimba! – lá estava o malvado no chão, derrubado por um tiro certo!

– Que horror! Esse lobo deve ter engolido alguém! O que é que eu faço agora?

De dentro da barriga morta do Lobo veio uma vozinha muito fina:

– Abra a barriga do Lobo, Seu Lenhador!

O Lenhador não perdeu tempo. Pegou um enorme facão e... zip! – abriu a barriga do Lobo de cima a baixo!

Lá dentro, abraçadinhas, estavam uma velha e uma menina!

– Que bom! – aliviou-se o Lenhador. – Vocês estão vivas!

As duas, Vovó e menina, saíram de dentro do Lobo, aliviadas:

– Minha netinha!

– Vovó!

– O senhor nos salvou, Seu Lenhador! – agradeceu a menina. – Nós já estávamos sufocadas, dentro daquela barriga horrível! Muito obrigada!

– Não há de quê... O que importa é que agora esse Lobo malvado não vai devorar mais ninguém!

– Que bom, Seu Lenhador! Agora estamos sossegadas – agradeceu a Vovó. – E o senhor está convidado a tomar lanche conosco.

E a história teve um final feliz, com todo mundo comendo bolo de chocolate, torta de amoras e... brioques.

Você sabe o que são brioques? Brioques são pãezinhos franceses que...

Eu já disse isso tudo?

Bom, então a história acabou.

Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioques me deu uma fome!

1 - Agora você já leu três versões diferentes da mesma história! Vamos ver algumas informações sobre os autores dessas versões:

- **Os irmãos Grimm** foram dois irmãos escritores alemães que morreram entre as décadas de 1850 e 1860.
- **Charles Perrault** foi um escritor e poeta francês, que nasceu em 1628 em Paris e morreu em 1703.
- **Pedro Bandeira** tem 74 anos, é um escritor brasileiro de livros infanto-juvenis.

Em relação à linguagem, à forma como é contada cada história, há algumas diferenças entre elas, certo? As informações que você leu sobre os autores têm influência nessas diferenças?

Resposta comentada: Você reparou que há muitas diferenças entre os autores? Enquanto um

nasceu há mais de 300 anos, como é o caso de Perrault, outro ainda está vivo e é brasileiro, como é o caso de Pedro Bandeira. Certamente essas diferenças da época e dos lugares em que nasceram têm influência na linguagem, na forma de escrita e em como recriaram essa história que ouviram e/ou leram!

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

Resposta comentada: Qual dos nossos autores é francês? Pedro Bandeira afirma que essa história é francesa porque certamente leu a versão de Charles Perrault antes de escrever a sua história da Chapeuzinho Vermelho.

3 - No texto "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo mau", o encontro da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo é diferente das outras versões da história. Descreva essa cena de cada texto e comente cada um, dizendo que semelhanças e diferenças há entre as três cenas e de qual você mais gostou.

Resposta comentada: Como as histórias são escritas de formas diferentes, o encontro da Chapeuzinho com o Lobo também é: na história dos Grimm, os dois se encontram na floresta e o Lobo é simpático com Chapeuzinho, inclusive caminhando um pouco com ela e mostrando as belezas do lugar.

Na versão de Perrault, os dois se encontram na floresta e o Lobo a manda por outro caminho enquanto corre por um atalho para chegar primeiro à casa da avó.

Na versão de Bandeira, o Lobo não se mostra para Chapeuzinho, se esconde e conversa com ela fingindo ser o vento.

E aí, qual você mais gostou?

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira, além da mãe, de Chapeuzinho, do Lobo, da Vovó e do Lenhador, há mais alguém que fala na história, como podemos observar nesse trecho final: " Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioques me deu uma fome!". Você lembra como é o nome que se dá a ele?

Resposta comentada: Lembrou que ele se chama narrador e nesse caso é quase um personagem da história, de tanto que comenta os fatos que narra?

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

Resposta comentada: Com certeza, você deve ter reconhecido como elementos reais uma menina levar doces para a avó e uma floresta com lenhadores. Além disso, deve ter percebido que no mundo real não é possível um Lobo criar um plano e enganar alguém, muito menos uma pessoa estar viva na barriga de um Lobo. Mas temos a imaginação!

Atividade pós-textual (O professor pode fazer uma comparação entre as três versões lidas, explorar as impressões dos alunos sobre as leituras e anunciar que na próxima aula haverá outra versão da história, só que dessa vez não será na forma de texto escrito, para introduzir a aula 4)

As seguintes habilidades de leitura foram retomadas nessas atividades:

- Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real;
 - Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna;
- (SEEDUC, 2012, pg. 7)

A aula 3 aborda, em mais uma versão, a mesma história, desta vez destacando mais diretamente o papel do enunciador, como na questão 1, em que o aluno relacionará informações de época e nacionalidade dos autores com as formas de escrita do texto, percebendo as influências que produzem.

As relações dialógicas entre os textos fica mais evidente na questão 2, em que o aluno reconhecerá que Pedro Bandeira está recontando, à sua maneira, uma história de Charles Perrault, uma história "francesa".

Assim, alguns aspectos dos elementos da narrativa são aprofundados numa perspectiva dialógica: a questão 3 busca estabelecer diferenças mais significativas do enredo, agora com uma noção mais clara da influência do enunciador ao descrever aquela cena. Na questão 4 o aluno reconhecerá o narrador, só que agora sob uma forma diferente, assumindo a primeira pessoa.

A questão 5 dialoga com o conhecimento de mundo do aluno, quando solicita que este faça uma separação entre real e imaginário, considerando não só seus próprios conhecimentos, mas as três histórias que leu.

Até aqui os alunos foram expostos a três "vozes" diferentes e perpassadas com os discursos uma da outra. Como foi dito na fundamentação teórica, o primeiro conceito de dialogismo, como uma forma de constituição da linguagem, é indiretamente trabalhado aqui, buscando uma forma de compreensão dos alunos para isso.

A aula 4, por fim, expõe mais uma versão da história, desta vez em outra semiose, e faz o diagnóstico final do trabalho desenvolvido até aqui:

Aula 4: Diálogo em outra semiose e diagnóstico final

Atividade inicial: Filme "Deu a louca na Chapeuzinho". *(Recomendamos uma exibição de filme confortável e informal, transcorrendo de forma prazerosa para os alunos.)*

Diagnóstico final: *(O professor deve procurar sanar todas as possíveis dúvidas dos alunos na resolução das questões sem, no entanto, procurar interferir em suas respostas para um diagnóstico mais fidedigno.)*

1 - Vimos até aqui quatro versões da mesma história. Discuta com seus colegas e escreva quais são as principais semelhanças e diferenças entre elas.

Resposta comentada: Aqui não há um modelo de resposta, discuta bastante com seus colegas e registre as semelhanças e diferenças das quatro versões da Chapeuzinho Vermelho!

2 - Os personagens são os mesmos em todas as versões da história. Porém, mudam de atitudes em algumas versões. Escolha um personagem e comente suas mudanças de acordo com a versão da história, dizendo como ele agiu em determinada versão, que características mudaram de uma versão para outra e como foi o final dele em cada história.

Resposta comentada: Aqui não há um modelo de resposta, escolha um personagem de sua preferência e registre as semelhanças e diferenças dele nas quatro versões da Chapeuzinho Vermelho!

3 - Agora é a sua vez! Escreva a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando os mesmos personagens: Chapeuzinho, Lobo, Vovó e Caçador. Você pode acrescentar outros personagens, se quiser. Solte a imaginação e conte a história de acordo com a sua criatividade!

Resposta comentada: Aqui também não há um modelo de resposta: só solte a sua imaginação e seja você mesmo um escritor recriando a história da Chapeuzinho Vermelho!

A partir das atividades propostas como diagnóstico final, verificaremos o quanto os alunos compreenderam de questões textuais do *corpus* da proposta de intervenção, dentro de uma análise geral das quatro versões, como está proposto na questão 1.

A questão 2 privilegia a construção dialógica de um personagem escolhido pelo aluno, dentro de uma análise pontual nas quatro histórias.

Na questão 3 verificaremos até que ponto os alunos estabelecem relações entre os textos lidos para refletir e produzir a partir deles, e o quanto estabelecem o dialogismo constitutivo ou intertextualidade implícita e a concepção estreita de dialogismo ou intertextualidade explícita na elaboração de sua versão da história.

Os resultados de uma aplicação desta proposta de intervenção serão discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4 - RELATO DE APLICAÇÃO

Descrevemos neste capítulo o relato de aplicação da proposta de intervenção exposta no capítulo 3, analisando as questões de cada encontro e o desempenho dos alunos na compreensão, ainda que implícita, do dialogismo na construção do texto.

O diagnóstico inicial foi aplicado no dia 18 de novembro; a aula 2 no dia 25 de novembro e a aula 3 e o diagnóstico final no dia 02 de dezembro do ano de 2016. No dia 02/12 houve quatro tempos na turma de aplicação, o que possibilitou a realização das duas atividades.

A respeito de tempo, todas as aulas ocorreram dentro dos dois tempos previstos, sem dificuldades.

Analisaremos, nas próximas seções, o resultado das respostas das atividades propostas.

4.1. Aula 1: diagnóstico inicial

A primeira aula, que parte de apenas um texto para uma abordagem tradicional de interpretação do gênero conto de fadas, explora, já na primeira questão, o que poderia ser real e imaginário na história lida pelos alunos e pelo professor, nos moldes de enunciados tradicionais, sem retomar conceitos.

Os alunos não entenderam muito bem a questão, e houve muitas perguntas a respeito de elementos reais e imaginários. Por mais que houvesse explicações diretas do professor a respeito da intenção da pergunta, poucas foram as respostas apuradas que resolveram, de forma completa, a questão proposta.

Registramos, por parte dos alunos, confusões a respeito dos elementos reais e imaginários, tal como no exemplo:

1 - O conto de fadas geralmente mistura elementos do mundo real e do mundo imaginário. O que, na história, poderia ser real e o que poderia ser imaginário?

Real: é a parte que realmente acontece do conto, como o nome da fada e o nome da princesa.
Imaginário: o que não acontece.

Figura 1 - Aula 1 - questão 1 - Aluno "E"

Houve uma certa confusão também a respeito da moral da história:

1 - O conto de fadas geralmente mistura elementos do mundo real e do mundo imaginário. O que, na história, poderia ser real e o que poderia ser imaginário?

real: O perigo so sempre pra ai.
imaginário: Que ninguém deve acreditar em ninguém

Figura 2 - Aula 1 - questão 1 - Aluna "G"

Acreditamos que duas coisas dificultaram o entendimento da questão: o enunciado, simplista em excesso, e possíveis dificuldades de leitura dos alunos.

A questão 2 aborda a moral da história: pede um reconhecimento no texto e o motivo de ser aquela determinada moral. Porém, como a questão não explicita o conceito da palavra "moral", houve muitas perguntas dos alunos a respeito dessa palavra. O reconhecimento no texto da última fala de Chapeuzinho Vermelho como a moral da história foi realizado plenamente por todos os alunos; e a dedução de a desobediência da menina à ordem de sua mãe também foi plenamente alcançada pela maioria dos alunos, como exemplificado na resposta da aluna a seguir:

2 - Qual é a moral da história? Por que chegou-se a essa moral?

"nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir" chegou a esse moral por que a menina se desviou do lugar onde sua mãe tinha mandado ela ir, e se distraiu com a beleza do lugar.

Figura 3 - Aula 1 - questão 2 - Aluna "A"

A questão 3 aborda, a partir de duas expressões do texto, os conceitos de sentido denotativo e conotativo sem, no entanto, explicitar os significados, por isso o professor teve de explicar os sentidos e reler a questão com os alunos, tentando contextualizá-los. O que não atenuou o malogro da questão: menos da metade dos alunos responderam de acordo com o esperado, alguns não responderam, alguns registraram respostas parciais, com apenas um conceito ou cópia de uma das expressões sublinhadas:

3 - No trecho: "Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho." Qual é a expressão usada em sentido denotativo e qual utilizada em sentido conotativo?

mãe de leite

Figura 4 - Aula 1 - questão 3 - Aluno "D"

3 - No trecho: "Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho." Qual é a expressão usada em sentido denotativo e qual utilizada em sentido conotativo?

conotativo chapeuzinho Vermelho

Figura 5 - Aula 1 - questão 3 - Aluna "C"

A questão 3 é um exemplo do quanto é importante o enunciado da pergunta retomar o conceito do conteúdo trabalhado, além de oferecer exemplos de contextualização para maior clareza na apresentação ao aluno, o que não costuma acontecer nas abordagens tradicionais de interpretação, cujo diagnóstico em análise é a representação.

Quatro elementos da narrativa são abordados na quarta questão, mais uma vez sem oferecer os conceitos de personagens, narrador, tempo e espaço, o que provocou muitas dúvidas também.

Dois elementos em especial foram objetos de muitos questionamentos: tempo, o qual, para identificá-lo, os alunos procuravam datas; e o espaço, em que houve muitas dúvidas a respeito de seu significado.

No elemento "Narrador" também houve constante registro como os Irmãos Grimm, numa confusão com autor, sendo o elemento "Personagens" com o maior índice de acertos, embora com muitas enumerações incompletas.

A seguir, um exemplo de respostas à questão 4 de um aluno:

- Identifique os elementos abaixo na história lida:

-) Personagens Chapeuzinho, Vovó, Lobo e os animais da floresta e os moradores do vilarejo
-) Narrador Impessoal
-) Tempo Presente
-) Espaço Na floresta

Figura 6 - Aula 1 - questão 4 - Aluno "E"

A questão 5 pede um resumo da história lida no texto, identificada como "enredo" na questão, o que também gerou dúvida nos alunos a respeito do significado da palavra. Como a questão exigia técnicas de resumo e mais uma leitura do texto, que não foi feita, alguns alunos não responderam e muitos apresentaram resumos incompletos. A seguir, dois exemplos de respostas:

- Resuma em poucas palavras o enredo, ou seja, a história contada.

Uma vez uma menina sua mãe mandou ela ir levar vinho e bolinho para sua vó que estava muito doente e quando ela foi levar o lobo perguntou que ela estava levando aí ela falou que estava levando vinho e bolinho aí

Figura 7 - Aula 1 - questão 3 - Aluna "C"

- Resuma em poucas palavras o enredo, ou seja, a história contada.

Uma menina muito obediente que tinha o apelido de chapeuzinho vermelho que um dia se encontrou com um lobo no caminho e ele a enganou.

Figura 8 - Aula 1 - questão 3 - Aluna "A"

O diagnóstico inicial apresentou alguns problemas que dificultam o processo de interpretação de um texto na abordagem tradicional: enunciados sem apresentação de

conceitos, que exigem outras técnicas de escrita, sem exemplos de contextualização e por vezes genéricos demais, com respostas previsíveis e de mero reconhecimento textual, além de partir de um único texto.

<u>Aula 1: Diagnóstico inicial</u>			
Item	Descritor	Operação	Resultado
1	Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real;	Interpretação textual de elementos reais e imaginários.	Insatisfatório
2	Identificar e interpretar a “moral da história”, explorando as relações de causa e consequência;	Reconhecimento textual da moral da história.	Satisfatório
3	Diferenciar sentido denotativo e conotativo.	Análise de sentido denotativo e conotativo de uma palavra.	Insatisfatório
4	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de elementos da narrativa.	Insatisfatório
5	Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real;	Resumir o enredo.	Insatisfatório

Quadro-síntese - Aula 1 - Diagnóstico inicial

Assim, a aula 2 procurou mostrar uma nova abordagem aos alunos, cujo resultado será descrito na próxima seção.

4.2. Aula 2: Dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho"

Utilizando duas versões do conto "Chapeuzinho Vermelho", dos Irmãos Grimm e de Charles Perrault, a aula 2 propõe que o dialogismo se estabeleça através da análise de abordagens diferentes da mesma história, trabalhando pontos convergentes e divergentes entre elas, os elementos da narrativa, elementos do gênero e questões de significado.

Na atividade pré-textual, o professor discutiu com a turma a história lida na primeira aula e exibiu o vídeo com a dramatização da música da Chapeuzinho Vermelho, de João de Barro, conforme a orientação descrita no capítulo 3. A turma interagiu bem com a atividade, descrevendo aspectos variados da história lida e suas semelhanças com a dramatização do

vídeo. É preciso acrescentar que a inserção da letra da música contribuiria mais para a análise textual e a discussão das duas semioses.

Na atividade textual, o professor leu e discutiu com os alunos as duas versões do conto "Chapeuzinho Vermelho", suas semelhanças e diferenças, e posteriormente leu as questões, dirimindo as pequenas dúvidas que foram surgindo. É preciso observar que, em relação à aula 1, os enunciados trazendo os conceitos trabalhados e explicando com detalhes o que está sendo proposto provocaram muito menos dúvidas do que os anteriores.

A questão 1 busca fazer um percurso de leitura dos dois textos, começando pelos personagens. Ao identificá-los, os alunos enumeraram todos os personagens envolvidos na história, mas não especificaram que o caçador não é um personagem da segunda versão da história, de Charles Perrault. Acreditamos que o trecho do enunciado "Provavelmente você respondeu que sim" induziu a esse resultado, o que não invalida a percepção dos alunos, pois todos enumeraram corretamente os personagens.

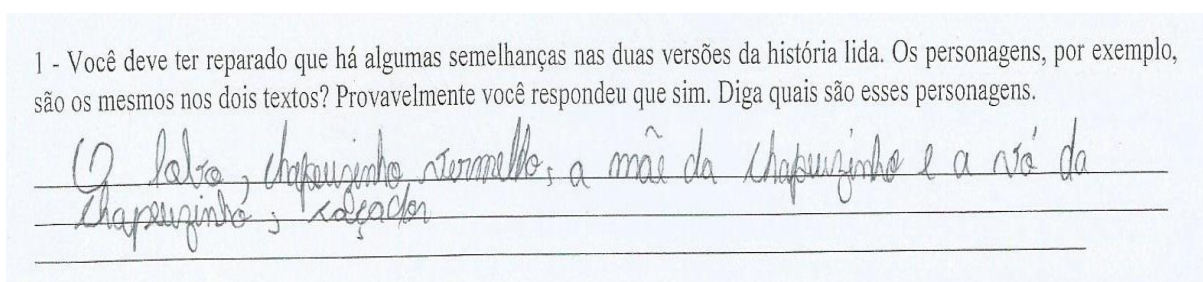


Figura 9 - Aula 2 - questão 1 - Aluna "F"

A questão 2 apresenta o conceito de narrador para posteriormente indagar sobre as duas vozes que contam as histórias. Novamente todos os alunos identificaram que nos dois textos o narrador é observador, não houve dúvidas ou dificuldades na compreensão e na resolução da questão.

Considerando que a mesma pergunta foi feita na primeira aula, como diagnóstico, e as respostas se confundiram a respeito de autor e foco narrativo, podemos afirmar que o enunciado diferente contribuiu para um avanço significativo do conceito:

2 - O narrador de um texto é aquele que conta a história, que narra o que fizeram os personagens em algum lugar. Nos dois textos que você leu o narrador é também personagem? Ou ele está só contando o que aconteceu sem participar diretamente?

O ^{narrador} ~~narrador~~ dos dois textos é um narrador-observador, portanto não participa diretamente da história.

Figura 10 - Aula 2 - questão 2 - Aluna "F"

2 - O narrador de um texto é aquele que conta a história, que narra o que fizeram os personagens em algum lugar. Nos dois textos que você leu o narrador é também personagem? Ou ele está só contando o que aconteceu sem participar diretamente?

não. Ele está só contando a história sem participar da história.

Figura 11 - Aula 2 - questão 2 - Aluna "A"

Houve certa dificuldade na resolução da questão 3. O enunciado não deixou muito clara a tarefa a ser realizada e o professor teve de explicar algumas vezes exatamente o que deveria ser feito. Muitos alunos recorreram à mera cópia dos textos e, os que interpretaram na resposta, só listaram como semelhanças e diferenças os elementos que se encontram nos textos:

3 - Quanto ao espaço, ou seja, o lugar ou os lugares onde acontece a história, há basicamente dois: a floresta e a casa da vovó. Depois que você leu os dois textos, identifique a descrição que Chapeuzinho faz da casa da vovó no primeiro e no segundo texto, e diga quais são as diferenças das duas descrições.

o espaço é um bom quarto de casa de madeira com uma cama dentro bem decorado das três cavalas grandes mas depois daquele momento lá longe do bem longe na primeira colina da aldeia

Figura 12 - Aula 2 - questão 3 - Aluno "I"

3 - Quanto ao espaço, ou seja, o lugar ou os lugares onde acontece a história, há basicamente dois: a floresta e a casa da vovó. Depois que você leu os dois textos, identifique a descrição que Chapeuzinho faz da casa da vovó no primeiro e no segundo texto, e diga quais são as diferenças das duas descrições.

no primeiro texto ela fala que a casa da vovó fica a um bom quarto de caminhada mata adentro bem debaixo dos três cavalos grandes.
já no segundo texto ela fala que a casa da vovó fica depois daquele monte lá longe. A diferença é que no primeiro ela fala que a casa da vovó fica a um bom quarto, já no segundo ela fala que fica depois de um monte...

Figura 13 - Aula 2 - questão 3 - Aluna "A"

3 - Quanto ao espaço, ou seja, o lugar ou os lugares onde acontece a história, há basicamente dois: a floresta e a casa da vovó. Depois que você leu os dois textos, identifique a descrição que Chapeuzinho faz da casa da vovó no primeiro e no segundo texto, e diga quais são as diferenças das duas descrições.

1. FICA A UM BOM TEMPO DE QUARTO DE MATA O DENTRO COM ALTO
2. depois do qual monte primeira casa da avó

Figura 14 - Aula 2 - questão 3 - Aluno "J"

A questão 4 procura estabelecer que, embora haja um diálogo entre os textos, cada um conserva diferentes aspectos em sua estrutura e abordagem da mesma história. Retomando o conceito de enredo, a pergunta instiga os alunos a reconhecer o que há de diferente entre eles.

Muitos reconheceram a ausência do caçador e a morte da avó e de Chapeuzinho num dos textos, o caminho diferente para a casa da avó e até mesmo o lanche que Chapeuzinho leva em sua cesta. O aproveitamento da questão foi muito satisfatório, tanto na percepção, quanto na descrição das diferenças. Apenas dois alunos não responderam.

4 - Nós chamamos de enredo a história que é contada, ou seja, o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, com quem... Provavelmente, depois que você leu as duas histórias da Chapeuzinho Vermelho, percebeu que há algumas pequenas diferenças entre elas. Quais são essas diferenças?

aconteceu na floresta e na casa da vovó. as diferenças são que a vovó e o chapeuzinho não morrem e no segundo as duas morrem.

Figura 15 - Aula 2 - questão 4 - Aluno "J"

4 - Nós chamamos de enredo a história que é contada, ou seja, o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, com quem... Provavelmente, depois que você leu as duas histórias da Chapeuzinho Vermelho, percebeu que há algumas pequenas diferenças entre elas. Quais são essas diferenças?

As diferenças é que no primeiro texto o capacho apareceu e salvou a chapeuzinho e a avó do lobo. Já no segundo o capacho não apareceu para salvar chapeuzinho e nem sua avó, e o caminho para a casa da avó é diferente nos dois contos.

Figura 16 - Aula 2 - questão 4 - Aluna "A"

4 - Nós chamamos de enredo a história que é contada, ou seja, o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, com quem... Provavelmente, depois que você leu as duas histórias da Chapeuzinho Vermelho, percebeu que há algumas pequenas diferenças entre elas. Quais são essas diferenças?

O final - o caminho para a casa da avó - o capacho - a chapeuzinho e a avó moram no final - e o lobo que a mãe de chapeuzinho fez pro avó de chapeuzinho.

Figura 17 - Aula 2 - questão 4 - Aluno "I"

A questão 5 propõe o reconhecimento de um dos elementos da narrativa, o espaço, através do elemento gramatical, o verbo. Como não há um tempo demarcado na história, a abordagem aqui é diferente da do método tradicional exemplificado na primeira aula: o aluno apenas indicaria que, pelos verbos destacados, a história se passa no passado, na perspectiva da análise linguística, que analisa o elemento gramatical em funcionamento no texto.

Todos os alunos acertaram a questão, e o professor sinalizou que, mesmo não havendo uma data no texto, é possível identificar passado e presente na narrativa pelos verbos e até por outros elementos no texto. Essa também foi uma questão resolvida com bastante facilidade.

5 - Quando lemos uma história, também percebemos que ela se passa em algum tempo. Mesmo que ele não esteja especificado com dia, mês ou ano, podemos dizer se a história se passa no presente ou no passado através dos verbos, que são palavras que indicam ação e tempo. Observe os verbos nesse trecho: "Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou [...]". Sendo assim, pelos verbos destacados, em qual tempo as histórias se passam?

passado

Figura 18 - Aula 2 - questão 5 - Aluno "I"

5 - Quando lemos uma história, também percebemos que ela se passa em algum tempo. Mesmo que ele não esteja especificado com dia, mês ou ano, podemos dizer se a história se passa no presente ou no passado através dos verbos, que são palavras que indicam ação e tempo. Observe os verbos nesse trecho: "Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou [...]". Sendo assim, pelos verbos destacados, em qual tempo as histórias se passam?

~~Esta que é~~ passada a história se passa
na passada

Figura 19 - Aula 2 - questão 5 - Aluna "F"

Uma reflexão sobre a mensagem que a história passa é proposta na questão 6, em que o aluno teria de identificar e explicar, em cada texto, o que Chapeuzinho Vermelho não deveria fazer, por ocasionar consequências ruins.

Muitos alunos acertaram completamente a questão, mas houve algumas respostas parciais – com ausência da moral do segundo texto – e com alguns equívocos na interpretação da moral também do segundo texto. Acreditamos que a versão de Charles Perrault suscitou um pouco mais de dificuldade pela linguagem utilizada: palavras desconhecidas e períodos em ordem indireta, o que não faz parte do cotidiano de leitura dos alunos. Ainda assim, a questão foi bem assimilada.

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são essas coisas?

não deve desobedecer a mãe e nem dá confiança e nem
balar com estranhas e nem se desvia da lamina
mandado

Figura 20 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "F"

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são essas coisas?

não deve se desviar do caminho e não entrar na mata quando
sua mãe prosibir, mas deve avisar qualquer um e não conversar
com estranhos.

Figura 21 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "A"

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são essas coisas?

1ª moral = não acreditar em ninguém
2ª moral = não se deixar levar pelo medo

Figura 22 - Aula 2 - questão 6 - Aluno "J"

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são essas coisas?

1ª moral = nunca desobedecer a mãe
2ª moral = não acreditar em ninguém

Figura 23 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "G"

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são essas coisas?

1ª moral: não se deixar levar pelo medo
2ª moral:

Figura 24 - Aula 2 - questão 6 - Aluna "B"

A questão 7 propõe uma reflexão sobre significado das palavras, além de reconhecimento de um aspecto gramatical: o aluno, ao reconhecer as diferenças entre "capuz" e "Chapeuzinho", identificando que a primeira nomeia um objeto que deu origem ao apelido, quase nome de uma pessoa, perceberá que essas são razões das escritas com letra minúscula e maiúscula, respectivamente, quando poderão ser introduzidos os conceitos de substantivo próprio e comum, conteúdos do bimestre em questão.

Um pouco mais da metade dos alunos não respondeu à questão satisfatoriamente, mesmo após a explicação do professor. Poucos formularam a resposta de acordo com o esperado, com muitas parciais:

7 - Leia o trecho: "Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho." De acordo com a leitura feita, podemos dizer que as duas palavras têm o mesmo significado? Por que uma está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula?

Sim, só está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula

Figura 25 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "B"

7 - Leia o trecho: "Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho." De acordo com a leitura feita, podemos dizer que as duas palavras têm o mesmo significado? Por que uma está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula?

Não, Porque chapeuzinho é o nome do menino.

Figura 26 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "G"

7 - Leia o trecho: "Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho." De acordo com a leitura feita, podemos dizer que as duas palavras têm o mesmo significado? Por que uma está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula?

Sim tem o mesmo significado. Uma está com letra minúscula pois é um substantivo comum e a que está com letra maiúscula é um apelido dado a menina.

Figura 27 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "F"

7 - Leia o trecho: "Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho." De acordo com a leitura feita, podemos dizer que as duas palavras têm o mesmo significado? Por que uma está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula?

Não. Por que chapeuzinho vermelho é um substantivo comum e capuz é um substantivo próprio.

Figura 28 - Aula 2 - questão 7 - Aluna "A"

A aula 2 buscou introduzir a questão dialógica dos textos, mesclando o reconhecimento de elementos da narrativa com análise gramatical, em atividades ancoradas

em duas versões da mesma narrativa, com enunciados que exploram os conceitos apresentados e buscam não só o mero reconhecimento textual, mas uma reflexão sobre o que o aluno está lendo.

Dessa forma, as maiores dificuldades foram encontradas nas questões 3 e 7, acreditamos que por dois diferentes motivos: o enunciado, que precisa ser mais claro, e dificuldades de habilidades de leitura dos alunos, que precisam ser aprimoradas.

<u>Aula 2: Dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho"</u>			
Item	Descritor	Operação	Resultado
1	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de personagens.	Parcialmente satisfatório
2	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de narrador.	Satisfatório
3	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de espaço.	Parcialmente satisfatório
4	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de enredo.	Satisfatório
5	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de tempo.	Satisfatório
6	Identificar e interpretar a “moral da história”, explorando as relações de causa e consequência;	Reconhecimento textual e interpretação de moral da história.	Satisfatório
7	Diferenciar sentido denotativo e conotativo.	Interpretação de significado de palavras e análise linguística de substantivos.	Insatisfatório

Quadro-síntese - Aula 2: Dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho"

Nesse sentido, podemos afirmar que a aula 2 alcançou o objetivo a que se propôs: apresentou atividades mais claras e obteve um índice melhor de respostas a essas atividades, além de proporcionar a leitura dialógica.

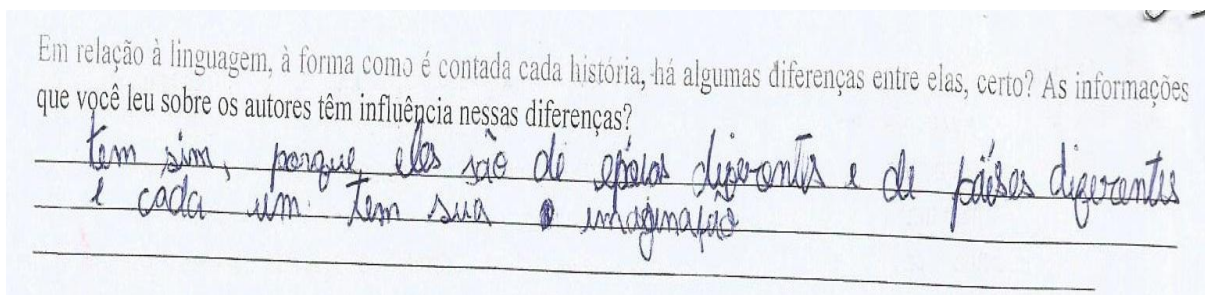
O conceito de dialogismo será um pouco mais aprofundado na aula 3, com questões que exploram mais diretamente a teoria.

4.3. Aula 3: dialogando com a terceira versão

A aula 3 busca trabalhar, mais diretamente, a questão do dialogismo no gênero textual conto de fadas. Como já ressaltamos, não é necessário, para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, saber o nome da teoria e suas nomeclaturas, mas é importante fazê-los perceber as particularidades dialógicas das manifestações linguísticas através desse gênero textual.

A partir dessa premissa, a questão 1 introduz informações sobre o tempo em que viveram os autores das versões lidas para comparar os modos de escrita ou, nas palavras de Bakhtin, o estilo, com base nas informações biográficas dos autores. Esta questão exigiu um trabalho de explicação maior do professor, que precisou esclarecer o que realmente a questão propunha.

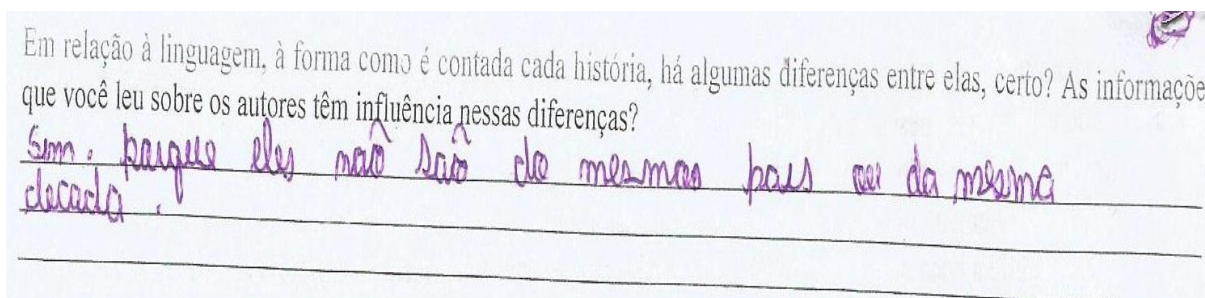
Embora registrássemos essa dificuldade inicial, ao entenderem a proposta, os alunos alcançaram a resposta esperada, ou seja, perceberam que as diferenças nas versões da história que leram se deram também pelas diferentes origens e tempos em que os autores viveram, conforme observamos nas respostas reproduzidas:



Em relação à linguagem, à forma como é contada cada história, há algumas diferenças entre elas, certo? As informações que você leu sobre os autores têm influência nessas diferenças?

tem sim, porque eles são de épocas diferentes e de países diferentes e cada um tem sua imaginação

Figura 29 - Aula 3 - questão 1 - Aluna "F"



Em relação à linguagem, à forma como é contada cada história, há algumas diferenças entre elas, certo? As informações que você leu sobre os autores têm influência nessas diferenças?

Sim, porque eles não são de mesmos país ou da mesma década.

Figura 30 - Aula 3 - questão 1 - Aluno "I"

Em relação à linguagem, à forma como é contada cada história, há algumas diferenças entre elas, certo? As informações que você leu sobre os autores têm influência nessas diferenças?

Sim por que cada um são de época diferente de lugares diferente

Figura 31 - Aula 3 - questão 1 - Aluna "C"

A questão 2 foi muito bem apreendida pelos alunos: a maioria da amostra percebeu a alusão que Bandeira fez a Charles Perrault, autor francês, a fonte de sua adaptação. Apenas um aluno atribuiu a nacionalidade francesa ao próprio Pedro Bandeira, ou é provável que sua redação não deixou muito clara a resposta esperada:

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

Porque ele é o primeiro a escrever essa história e ele é francês

Figura 32 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "B"

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

Por que ele reescreveu essa história de Charles Perrault.

Figura 33 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "A"

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

Porque o primeiro escritor foi francês

Figura 34 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "G"

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

porque ele pegou a história de um autor francês

Figura 35 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "C"

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

porque ele se baseou no autor Charles Perrault

Figura 36 - Aula 3 - questão 2 - Aluno "I"

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

porque ele quis homenagear e dedicar a história ao primeiro autor de "Chapeuzinho Vermelho" Charles Perrault

Figura 37 - Aula 3 - questão 2 - Aluna "F"

Fica claro, através de respostas como "pegou do autor francês", "se baseou" e "quis homenagear" que os alunos perceberam a relação dialógica e intertextual entre as versões de Bandeira e Perrault: ainda que os conceitos não apareçam de forma didática, o ponto de contato, a relação que se estabelece na leitura e na produção foi claramente compreendida pelos alunos.

A questão 3 demandou um trabalho de comparação da cena em que Chapeuzinho Vermelho encontra o Lobo: os alunos teriam que descrever cada cena e comentar cada uma, ressaltando as semelhanças e diferenças entre elas. Foi distribuída a aula 2, com os outros textos, para que os estudantes pudessem relembrar a cena, mas a questão não obteve êxito total: a maioria dos alunos descreveu cada cena, porém apenas um fez um comentário genérico sobre o texto 3.

É recomendável que em questões assim haja opções de resposta: por exemplo, letra a) para descrever cada cena e letra b) para compará-las. A questão, como na proposta, foi lida e discutida em sala, porém os resultados não foram como os esperados, conforme as reproduções abaixo:

3 - No texto "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo mau" o encontro da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo é diferente das outras versões da história. Descreva essa cena de cada texto e comente cada um, dizendo que semelhanças e diferenças há entre as três cenas e qual você mais gostou.

no texto um o lobo se fingiu de uma pessoa boa para enganar a Chapeuzinho. Já no texto 2 o lobo pensou quem me deu das lembranças por isso não a comenji. no texto 3 o lobo se fingiu de um relento para enganar a Chapeuzinho e chegou na casa da vovó.

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira além do mão de Chapeuzinho Vermelho...

Figura 38 - Aula 3 - questão 3 - Aluna "A"

3 - No texto "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo mau" o encontro da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo é diferente das outras versões da história. Descreva essa cena de cada texto e comente cada um, dizendo que semelhanças e diferenças há entre as três cenas e qual você mais gostou.

no primeiro texto chapeuzinho não sabia que lobo era mau, no segundo texto ela também não sabia que o lobo era perigoso e ele deu a ideia; no terceiro texto ela pensou que o lobo era o irmão.

Figura 39 - Aula 3 - questão 3 - Aluna "F"

3 - No texto "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo mau" o encontro da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo é diferente das outras versões da história. Descreva essa cena de cada texto e comente cada um, dizendo que semelhanças e diferenças há entre as três cenas e qual você mais gostou.

o texto 1 = o encontro do lobo com a chapeuzinho foi que eles se encontraram de outra maneira. texto 2 = o chapeuzinho pediu que o lobo fosse para a vovó o lobo perguntou se era muito longe. texto 3 = ele se fingiu de um relento para enganar ela e ela inocente começou a conversar com ele pensando que é o relento.

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira além do mão de Chapeuzinho Vermelho...

Figura 40 - Aula 3 - questão 3 - Aluno "I"

A proposta nessa questão era, além de ter um panorama de cada versão dessa cena importante para a história, identificar as preferências pessoais dos alunos por qual versão mais agradável de ler, o que de certa forma também seria uma preparação para uma atividade da aula 4 e diagnóstico final.

Na questão 4, além do conceito de narrador-personagem ser lembrado pelo aluno, a proposta é reconhecer um modo diferente de narrar na versão de Pedro Bandeira: o narrador, em 1º pessoa, interage com o leitor, diferente das outras versões, em 3º pessoa. Seria importante que os alunos reconhecessem, aqui, a individualidade do enunciado bakhtiniano: embora outras vozes, outras influências sejam percebidas, o estilo individual está presente.

Embora com algumas hesitações – como na confusão entre autor e narrador – , todos os alunos responderam de acordo com a resposta esperada:

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira, além da mãe, de Chapeuzinho, do Lobo, da Vovó e do Lenhador, há mais alguém que fala na história, como podemos observar nesse trecho final: " Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioche me deu uma fome!". Você lembra como é o nome que se dá a ele?
narrador personagem

Figura 41 - Aula 3 - questão 4 - Aluna "C"

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira, além da mãe, de Chapeuzinho, do Lobo, da Vovó e do Lenhador, há mais alguém que fala na história, como podemos observar nesse trecho final: " Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioche me deu uma fome!". Você lembra como é o nome que se dá a ele?
narrador personagem

Figura 42 - Aula 3 - questão 4 - Aluno "I"

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira, além da mãe, de Chapeuzinho, do Lobo, da Vovó e do Lenhador, há mais alguém que fala na história, como podemos observar nesse trecho final: " Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioche me deu uma fome!". Você lembra como é o nome que se dá a ele?
narrador personagem

Figura 43 - Aula 3 - questão 4 - Aluna "B"

Por fim, a questão 5 busca explorar o modo de composição das fábulas e dos contos de fadas, fazendo uma comparação de elementos reais e imaginários. Animais falando e lenhadores que tiram pessoas vivas de barriga de lobo poderiam ser reconhecidos como ficção, enquanto cenas cotidianas como pedidos da mãe e visitas aos avós fazem parte da realidade nas respostas esperadas.

A maioria dos alunos respondeu da maneira esperada, mas houve generalizações de apenas um elemento real ou imaginário e apenas um aluno reproduziu a pergunta no campo para resposta:

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

real: as árvores, a triocora e o lolo de chocolate
não real: a loto solava de vidro e a chapeuzinho e a loto
ficar viva na barriga do loto

Figura 44 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "B"

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

segue não poderia ser real segue não poderia ser real

Figura 45 - Aula 3 - questão 5 - Aluno "D"

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

o loto cometeu a loto

Figura 46 - Aula 3 - questão 5 - Aluno "H"

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

Descrições
~~o loto cometeu a loto~~

Figura 47 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "G"

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

O que poderia ser real é a menina ficar comida para sua avó, e o lobo comer uma pessoa. O que poderia não ser real é um lobo falar e um lobo se fingir de avó e botar uma roupa de humano. e uma pessoa bota uma barreira de um lobo.

Figura 48 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "A"

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

real: O lobo comer uma pessoa, deixar comida para a avó

não real: pessoas deixarem vestes da barreira de um lobo, uma menina ir sozinho para floresta, lobo falar, um lobo ser inteligente e se vestir de avó

Figura 49 - Aula 3 - questão 5 - Aluna "F"

A penúltima aula buscou introduzir mais uma versão dialógica da história já conhecida pelos alunos, além de trabalhar questões como o estilo individual, as influências do enunciado e a comparação desses enunciados, preparando os alunos para que eles mesmos sejam enunciadore de uma versão da história.

Constatamos que apenas a questão 3 não atendeu plenamente à sua proposta, acreditamos que pelo enunciado que reunia muitos comandos com atividades trabalhosas, o que pode ter confundido os alunos. No entanto, a comparação aconteceu, e os alunos tiveram a oportunidade de visualizar a mesma cena acontecendo em enunciados diferentes.

Aula 3: Dialogando com a terceira versão			
Item	Descritor	Operação	Resultado
1	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Relação de informações biográficas dos autores ao texto lido.	Satisfatório
2	Inferir o significado de uma expressão a partir do contexto. Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e	Interpretação do termo "francesa" em relação com informações biográficas dos autores	Satisfatório

	suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna;	e comparação de versões da história.	
3	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Comparação de uma cena nas três versões da história.	Insatisfatório
4	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador.	Reconhecimento textual de narrador.	Satisfatório
5	Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real;	Interpretação textual de elementos reais e imaginários.	Satisfatório

Quadro-síntese - Aula 3: Dialogando com a terceira versão

A atividade foi finalizada com os alunos falando sobre as três versões lidas, expondo suas preferências e o que perceberam de semelhanças e diferenças entre elas, ficando clara a percepção intertextual que os estudantes tiveram. Assim, foi anunciada a próxima aula, que buscaria selar o trabalho com o dialogismo das versões de "Chapeuzinho Vermelho" tornando o aluno seu enunciador.

4.4. Aula 4: diálogo em outra semiose e diagnóstico final

A aula 4 iniciou com a exibição do filme *Deu a louca na Chapeuzinho*, do diretor Todd Edwards, cujo enredo, embora preserve os personagens principais, subverte todo o tradicionalismo da história: com personagens de outros contos de fadas em uma trama repleta de aventura e mistério, os alunos perceberam a inversão de papéis: o Lobo não é mais um vilão, Chapeuzinho não é uma menininha tão ingênua e a Vovó é uma aventureira.

Essa inversão busca contribuir para a produção dos alunos, que poderão fazer sua versão da história depois de lê-la em semioses diferentes e vendo que a apreensão e adaptação de um enunciado pode ser muito autoral: os elementos da versão original estabelecem um diálogo, e o estilo individual imprime a marca autoral no enunciado, para usar as palavras de Bakhtin (2003).

Por isso a questão busca explorar, na sistematização da escrita, as percepções dos alunos acerca das três versões lidas, da música e do filme. Mais uma vez, o enunciado pode ter contribuído para respostas parciais: verificou-se que a abordagem mais correta consistiria

na divisão em opções a), b) e etc., para uma divisão mais clara dos comandos. Todas as respostas foram parciais, conforme se exemplifica:

1 - Vimos até aqui quatro versões da mesma história. Discuta com seus colegas e escreva quais são as principais semelhanças e diferenças entre elas.

semelhanças: a mamãe a chapeuzinho e lobo a avó a casa da avó. diferenças: o caçador os bichinhos e caminhar para casa da avó

Figura 50 - Aula 4 - questão 1 - Aluno "I"

1 - Vimos até aqui quatro versões da mesma história. Discuta com seus colegas e escreva quais são as principais semelhanças e diferenças entre elas.

~~As diferenças e que no primeiro são a~~ a chapeuzinho que ~~ela~~ sua intanta no final a avó assentureira e lancha a lenhador

Figura 51 - Aula 4 - questão 1 - Aluna "F"

1 - Vimos até aqui quatro versões da mesma história. Discuta com seus colegas e escreva quais são as principais semelhanças e diferenças entre elas.

São o lobo se fingir de avó e lenhador e a chapeuzinho perguntar as mesmas perguntas etc. As diferenças é: O lobo não morrer no começo da história e avó fazer exercícios e polícia aparecer na história e o lobo não morrer no final.

Figura 52 - Aula 4 - questão 1 - Aluna "A"

1 - Vimos até aqui quatro versões da mesma história. Discuta com seus colegas e escreva quais são as principais semelhanças e diferenças entre elas.

dentro da festa os caçador de com o caçador que medou a mãe da chapeuzinho a floresta

Figura 53 - Aula 4 - questão 1 - Aluno "D"

A questão 2 propõe a análise intertextual através de um personagem: a construção da personalidade de determinado elemento da história contribui muito para a percepção do diálogo estabelecido entre as versões. Isso se percebeu pela escolha dos alunos, que em sua

maioria apontaram os dois personagens que mais sofreram mudanças das histórias escritas para a versão em filme: o Lobo e a Vovó.

As respostas, dentro do esperado, traçam o panorama dessas mudanças mais profundas:

2 - Os personagens são os mesmos em todas as versões da história. Porém, mudam de atitudes em algumas versões. Escolha um personagem e comente suas mudanças de acordo com a versão da história, dizendo como ele agiu em determinada versão, que características mudaram de uma versão para outra e como foi o final dele em cada história.

O lobo, ele em todas as histórias ele foi mal mas no quarto história ele foi bonzinho

Figura 54 - Aula 4 - questão 2 - Aluna "G"

2 - Os personagens são os mesmos em todas as versões da história. Porém, mudam de atitudes em algumas versões. Escolha um personagem e comente suas mudanças de acordo com a versão da história, dizendo como ele agiu em determinada versão, que características mudaram de uma versão para outra e como foi o final dele em cada história.

Li sobre a chapeuzinho na primeira ela foi engolida pelo lobo, e foi engolida na segunda ela foi engolida também e foi engolida, na terceira ela resistiu mais e tentou fugir mais mesmo assim o lobo a levou e na quarta ela foi corajosa e aventureira

Figura 55 - Aula 4 - questão 2 - Aluna "F"

2 - Os personagens são os mesmos em todas as versões da história. Porém, mudam de atitudes em algumas versões. Escolha um personagem e comente suas mudanças de acordo com a versão da história, dizendo como ele agiu em determinada versão, que características mudaram de uma versão para outra e como foi o final dele em cada história.

A vovó: A vovó não é a mesma em todas as versões da história a vovó faz exercícios físicos na quarta versão da história, a vovó muda de modo e é enérgica.

Figura 56 - Aula 4 - questão 2 - Aluna "A"

A questão 3, que finaliza o diagnóstico, propõe que o aluno seja o enunciador da história que conhece, porém imprimindo sua marca autoral na criação de sua própria versão. Agora, na prática, haverá a materialização das relações dialógicas dos enunciados: o discurso do aluno se formará a partir de outros discursos.

As histórias criadas, em sua maioria, apresentam os personagens do enredo original, conforme o enunciado, e seguiram a tendência das versões escritas: ao contrário do filme, as

recriações pouco inovam ou subvertem os personagens. Destacamos, portanto, duas em que o Lobo e a Chapeuzinho se tornam amigos, uma em que o Lobo sai vencedor da história, devorando o caçador e a última em que Chapeuzinho dá lições e conselhos ao Lobo, num desfecho incomum:

3 - Agora é a sua vez! Escreva a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando os mesmos personagens: Chapeuzinho, Lobo, Vovó e Caçador. Você pode acrescentar outros personagens, se quiser. Solte a imaginação e conte a história de acordo com a sua criatividade!

A Chapeuzinho e o lobo faminto
Era uma vez uma menina muito linda que ganhou um copo de melão que sua avó lhe deu sua avó adorava doces e mandou ela entregar pra sua avó a ela não um dia ele estava muito triste ela perguntou a ele porque estava triste ele respondeu porque estava com fome aí ela pensou em dar um doce pra ver se a fome passava mas no dia que ela ia do copo um caçador pensando que ele queria comer ela mais ela falou ele não é meu amigo ele só tá com fome aí o caçador deu o seu almoço pra ele a a chapeuzinho virou amiga do lobo

Figura 57 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "C"

3 - Agora é a sua vez! Escreva a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando os mesmos personagens: Chapeuzinho, Lobo, Vovó e Caçador. Você pode acrescentar outros personagens, se quiser. Solte a imaginação e conte a história de acordo com a sua criatividade!

Chapeuzinho vermelho
e
O lobo feiozinho

Era uma vez um dia bem bonito e o chapeuzinho vermelho resolveu levar algumas frutas para sua avó, no meio do caminho ele caiu em um poço de lama e o lobo viu e resolveu ajudar e levou ele pro casa dela pro Yemo bonito, ele tomou o bonhe e seguiu em frente pro casa de sua avó e o lobo se ofereceu pro ir junto e ele deixou!

Figura 58 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "G"

3 - Agora é a sua vez! Escreva a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando os mesmos personagens: Chapeuzinho, Lobo, Vovó e Caçador. Você pode acrescentar outros personagens, se quiser. Solte a imaginação e conte a história de acordo com a sua criatividade!

Certa vez uma menina chamada chapeuzinho vermelho foi levar docinhos para sua avó que estava doente, no meio do caminho um lobo apareceu e ficou a observando, então ela decidiu que não iria falar nada.

- Seu Lobo porque me olha tanto
- Porque quero ser teu amigo - disse o lobo
- Tudo bem amigo
- Ah bom vai amigo - disse a chapeuzinho
- na casa da minha avó entregue esses doces

Então o lobo se apressou e quando chegou fingiu ser chapeuzinho, entrou e deu para a pobre avó.

Um tempo depois chapeuzinho chegou e entrou, e questionou a sua avó com as mãos, as pernas, até chegou na boca

e o lobo se revelou e riu. Um caçador que passava por ali escutou gritos de socorro aborados então entrou e se deparou com um lobo que lutou com ele, mas mesmo assim o devorou.

Figura 59 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "F"

3 - Agora é a sua vez! Escreva a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando os mesmos personagens: Chapeuzinho, Lobo, Vovó e Caçador. Você pode acrescentar outros personagens, se quiser. Solte a imaginação e conte a história de acordo com a sua criatividade!

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menina que morava em um bosque. Certo dia sua mãe mandou Chapeuzinho levar uns biscoitos que ~~ela~~ tinha acabado de preparar, sua mãe pediu para Chapeuzinho levar antes que escurecesse e falou para Chapeuzinho levar rapidamente para sua avó, então ela foi logo levando os biscoitos antes que escurecesse.

Logo que ela chegou na mata viu ~~Chapeuzinho~~ ^{o lobo} andando na mata ele decidiu segui-la para ver até onde ela ia, logo o lobo viu que ela desapareceu na mata e resolveu procurá-la. Logo que ele se enfiou na mata ele encontrou o caçador e o caçador lhe disse: Ah, até que enfim eu te encontro, o lobo saiu correndo pela mata até que assistiu a uma casa atrás da árvore ele bateu na porta muito cansado Chapeuzinho abriu a porta e lhe disse: "vossa voz é tão leve, acho que está precisando fazer exercícios físicos."

Figura 60 - Aula 4 - questão 3 - Aluna "A"

O diagnóstico final apurou resultados significativos: ao trabalhar o gênero conto de fadas tendo por base a teoria do dialogismo e a intertextualidade, o leque de leitura dos alunos é expandido e eles têm oportunidade de conhecer textos de diferentes épocas, autores e lugares tratando do mesmo tema, reconhecendo a característica dialógica que nossa língua possui, ainda que não tenham contato com a nomenclatura teórica.

Aula 4: Diálogo em outra semiose e diagnóstico final			
Item	Descritor	Operação	Resultado

1	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador. Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna;	Comparação de elementos do enredo nos três textos e no filme.	Parcialmente satisfatório
2	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador. Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna;	Comparação de um mesmo personagem nos três textos e no filme.	Satisfatório
3	Identificar os elementos básicos da narrativa de encantamento: tempo, espaço, personagens, enredo, narrador. Identificar pontos de convergência entre textos de narrativas tradicionais e suas versões adaptadas e reescritas de forma moderna; Identificar o uso do imaginário e do ficcional da narrativa em busca da retratação do mundo real;	Produção textual de recriação da história da Chapeuzinho Vermelho.	Satisfatório

Quadro-síntese - Aula 4: Diálogo em outra semiose e diagnóstico final

Acreditamos que o resultado do trabalho foi bastante positivo: a turma, no encerramento da proposta de intervenção, observou que não sabia que uma mesma história poderia ter tantas versões, especulou se haveria mais e avaliou positivamente todo o trabalho realizado. Além disso, foi possível observar na prática a proposta criada e realizar todos os ajustes necessários. Revemos todas as atividades com enunciados problemáticos e sugestões de correções podem ser encontradas no anexo deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este trabalho, colocamos como problema a seguinte questão: buscando aumentar o repertório de leitura dos alunos do 6º ano, aliado a uma melhora na qualidade do ato de ler, de que maneira teorias como o dialogismo e a interdiscursividade podem contribuir para que os alunos desenvolvam habilidades de leitura importantes para a construção de sentidos?

Os resultados obtidos nesta pesquisa respondem de maneira satisfatória ao problema colocado, à medida que demonstram uma melhora efetiva no desenvolvimento de habilidades de leitura quando os estudantes têm contato com diferentes textos do mesmo gênero, dentro de uma perspectiva intertextual, interdiscursiva e dialógica.

Nesse sentido, a pesquisa-ação realizada ajuda também a pensar a realidade do próprio professor pesquisador: ao pensar atividades ancoradas numa teoria e aplicá-las em sala de aula, verificou-se o quanto de sua prática também precisa ser aperfeiçoada, o quanto as atividades planejadas não atingem todos os objetivos propostos, o quanto é necessário, sempre, conhecer seus alunos para uma prática adaptada à realidade deles.

Por isso decidimos, a partir da análise de resultados, sugerir pequenas mudanças nas atividades elaboradas, com a certeza de que o trabalho docente é quase como a fábula da moça tecelã: um constante fazer e refazer, criar, recriar e adaptar, tendo sempre como objetivo principal uma aprendizagem efetiva.

Por isso também escolhemos essa abordagem de estudo que, embora não seja nova, ainda tem muito a nos dizer para o trabalho em sala de aula. Hames (2005) afirma:

Apesar de as formulações teóricas do Círculo antecederem em muito os estudos do ocidente, Faraco (2001, p. 28) alerta para o problema da inclusão de Bakhtin na categoria de precursor, pois, primeiramente, embora com coincidências e apesar da anterioridade das formulações de Bakhtin, os estudos ocidentais não partiram de Bakhtin e, em segundo lugar, posteriormente, quando entram em contato com as concepções do Círculo, estas entram não como "curiosidade histórica", mas como um "problematizador dos caminhos trilhados", apresentando-se o autor como um interlocutor produtivo e atual" (p. 153).

A compreensão bakhtiniana da linguagem atua nos estudos brasileiros a partir de uma perspectiva problematizadora, como afirmou a autora, não como curiosidade histórica. É nesse sentido que, ao propormos um trabalho que tenha as ideias de Bakhtin e seu círculo como alicerce teórico, esperamos problematizar o trabalho com o texto em sala de aula, o ensino de Língua Portuguesa de uma maneira geral.

Assim, esperamos instrumentalizar o professor com os modelos que expusemos aqui. A leitura intertextual proposta e as diversas conexões que os textos fizeram com outras semioses podem ser caminhos de trabalho produtivos para os colegas professores do ensino fundamental, e nosso intuito aqui foi apontar esses caminhos.

Por isso não há nesta pesquisa uma exposição teórica exaustiva, tampouco formulações que olhem muito para o horizonte da teoria: o tempo todo buscamos tocar o solo da prática, as paredes da sala de aula, a realidade do professor pesquisador que resolve pensar sua atuação pedagógica. E, podemos afirmar, a experiência foi positiva e enriquecedora.

Para finalizar, um último objetivo, implícito em todo trabalho voltado para a prática docente, será exposto tendo como mote a teoria que escolhemos, nas palavras de Fiorin (2016):

Normalmente, quando se fala em dialogismo, pensa-se em relações com enunciados já construídos e, portanto, enunciados anteriores, passados. No entanto, o enunciado está relacionado não só aos que o precedem, mas também aos que lhe sucedem na cadeia da comunicação verbal. Com efeito, na medida em que um enunciado é elaborado em função de uma resposta, está ligado a essa resposta, que ainda não existe. O locutor sempre espera uma compreensão responsiva ativa e o enunciado se constitui para essa resposta esperada (p. 178).

Desejamos que esta pesquisa possa motivar, de fato, uma compreensão responsiva ativa de seus leitores, e que as atividades aqui elaboradas se transformem em enunciados em outras salas de aula do país, cumprindo o propósito deste trabalho e do Mestrado Profissional em Letras de uma maneira geral.

Esperamos que cada vez mais haja reflexão, planejamento e contextualização da prática docente na educação básica, com enunciados que formem uma cadeia repleta de compreensão e consciência de que, no Brasil, a educação enquanto processo formal precisa ser cada vez mais fundada no diálogo, no dialogismo que nos constitui e é essencial em todas as relações humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Questões de estilística no ensino da língua**. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BANDEIRA, Pedro. *Chapeuzinho e o Lobo Mau*. São Paulo, Quinteto Editorial, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, Polifonia e Enunciação*. In BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. *Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso*. In BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005.

BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa. Primeiro e segundo Ciclo*. 3. ed. v.2. Brasília: MEC/ SEEF: 2001.

BRAIT, Beth e MELO, Rosineide de. *Enunciado/Enunciado concreto/enunciação*. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016.

CAMPOS, Maria Inês Batista. *Bakhtin e o ensino de língua materna no Brasil: algumas perspectivas*. Revista Conexão Letras - UFRGS, volume 11, número 16. Rio Grande do Sul: 2016.

DEU A LOUCA NA CHAPEUZINHO. Direção: TODD EDWARDS, TONY LEECH e CORY EDWARDS. Produção: PRESTON STUTZMAN. Kanbar Entertainment, 2004, 1h 20min. DVD.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Paródia e Dialogismo*. In BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

FIORIN, José Luiz. *Polifonia textual e Discursiva*. In BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. *Interdiscursividade e intertextualidade*. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

GRIMM, Irmãos. *Chapeuzinho Vermelho*. In: TATAR, Maria (org.). **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JOÃO DE BARRO. "Cantigas de Chapeuzinho Vermelho". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KIKC-YvKAxQ> - Acesso em 16/11/2016

KOCH, Ingedore Villaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.

KRAEMER, Márcia Adriana Dias. *O conto na contemporaneidade: uma abordagem dialógica do gênero na perspectiva das vozes bakhtinianas*. Rio Grande do Sul: V SIGET, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Série Educação em Ação. São Paulo: Ática, 1993.

LEMOS, Cláudia T. G. de. *A Função e o Destino da Palavra Alheia*. In BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

PEIRCE, C. S. **Escritos coligidos**. Seleção de Armando Mora D'Oliveira. Trad. Armando Mora D'Oliveira e Sergio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. In: TATAR, Maria (org.). **Contos de Fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RODRIGUES, Gerson. *Modelos de leitura e interpretação de texto*. In: **Práticas de Ensino do Português**. PALOMANES, Roza & BRAVIN, Ângela Marina (orgs). São Paulo: Contexto, 2012.

ROJO, Roxane. *Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas*. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba & TEIXEIRA, Claudia Souza. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2013.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (SEEDUC). *Currículo Mínimo – Língua Portuguesa e Literatura*. Rio de Janeiro, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 2004.

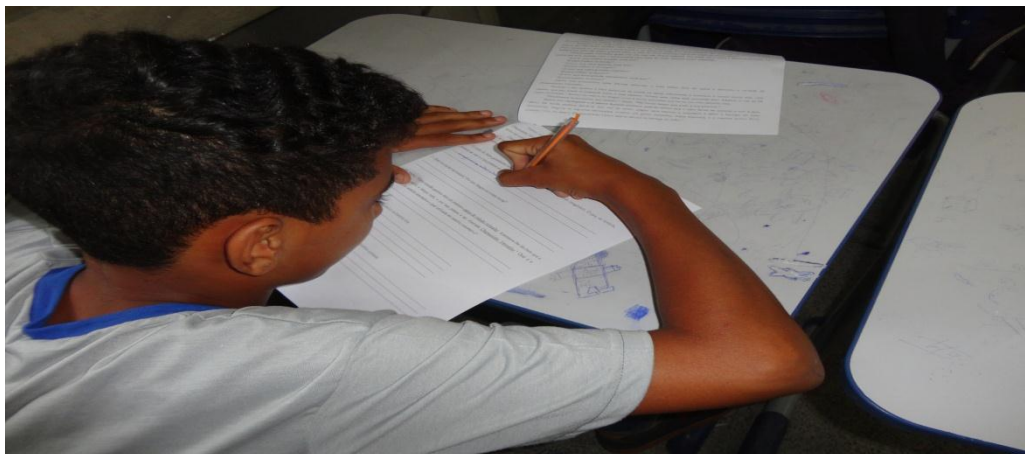
TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, nº 3, p-443-446, set-dez.2005.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

ANEXOS

ANEXO A - FOTOGRAFIAS DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



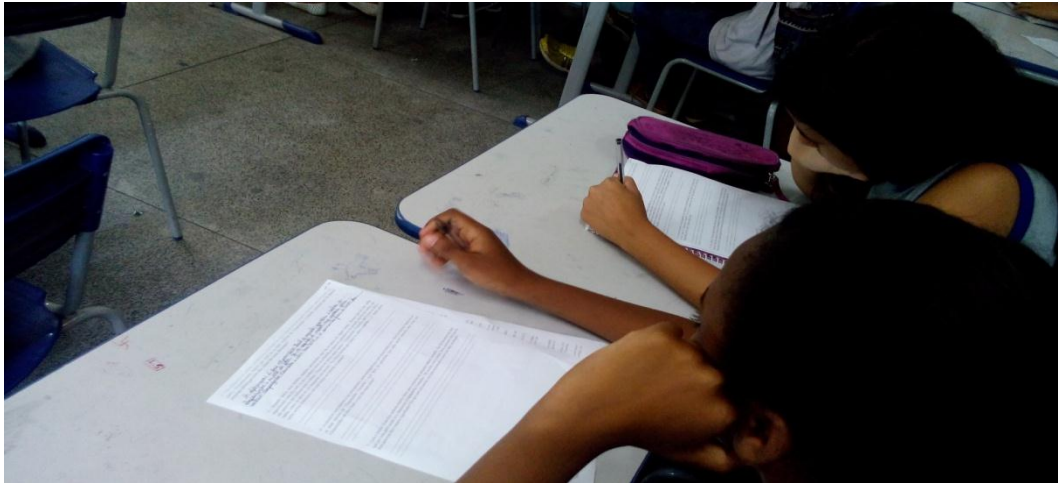
Aplicação da aula 1



Aplicação da aula 1



Aplicação da aula 2



Aplicação da aula 2



Aplicação da aula 2



Aplicação das aulas 3 e 4

ANEXO B - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ALTERADA APÓS APLICAÇÃO

PRIMEIRA ATIVIDADE - Dialogismo em duas versões de "Chapeuzinho Vermelho"

Atividade pré-textual (O professor pode lembrar com os alunos o texto lido na primeira aula, falar um pouco da história e perguntar quais são as versões do enredo que os alunos conhecem. Depois disso, exibir o vídeo com a dramatização da música “Chapeuzinho Vermelho” (<https://www.youtube.com/watch?v=KIKC-YvKAxQ>) e discutir as semelhanças e diferenças das histórias do vídeo, através da letra de música, e do texto lido.)

Atividade textual (Após o momento introdutório, o professor retomará o texto da aula 1 e fará a leitura da letra da música e da segunda versão do texto. Esse momento de leitura pode ser feito pelo professor ou pelos alunos, privilegiando sempre a interação no processo.)

Cantigas de "Chapeuzinho Vermelho"

(Chapeuzinho)

Pela estrada fora eu vou bem sozinha

Levar esses doces para a vovozinha

Ela mora longe e o caminho é deserto

E o lobo mau passeia aqui por perto

Mas à tardinha, ao sol poente

Junto à mamãezinha dormirei contente

...

(Lobo Mau)

Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau

Eu pego as criancinhas pra fazer mingau

Hoje estou contente, vai haver festança

Tenho um bom petisco para encher a minha pança

Chapeuzinho Vermelho

Irmãos Grimm

ERA UMA VEZ uma menina encantadora. Todos que batiam os olhos nela a adoravam. E, entre todos, quem mais a amava era sua avó, que estava sempre lhe dando presentes. Certa ocasião ganhou dela um pequeno capuz de veludo vermelho. Assentava-lhe tão bem que a menina queria usá-lo o tempo todo, e por isso passou a ser chamada Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, a mãe da menina lhe disse: “Chapeuzinho Vermelho, aqui estão alguns bolinhos e uma garrafa de vinho. Leve-os para sua avó. Ela está doente, sentindo-se fraquinha, e estas coisas vão revigorá-la. Trate de sair agora mesmo, antes que o sol fique quente demais, e quando estiver na floresta olhe para a frente como uma boa menina e não se desvie do caminho. Senão, pode cair e quebrar a garrafa, e não sobrá nada para a avó. E quando entrar, não se esqueça de dizer bom-dia e não fique bisbilhotando pelos cantos da casa.”

“Farei tudo que está dizendo”, Chapeuzinho Vermelho prometeu à mãe.

Sua avó morava lá no meio da mata, a mais ou menos uma hora de caminhada da aldeia. Mal pisara na floresta, Chapeuzinho Vermelho topou com o lobo. Como não tinha a menor ideia do animal malvado que ele era, não teve um pingote de medo.

“Bom dia, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo.

“Bom dia, senhor Lobo”, ela respondeu.

“Aonde está indo tão cedo de manhã, Chapeuzinho Vermelho?”

“À casa da vovó.”

“O que é isso debaixo do seu avental?”

“Uns bolinhos e uma garrafa de vinho. Assamos ontem e a vovó, que está doente e fraquinha, precisa de alguma coisa para animá-la”, ela respondeu.

“Onde fica a casa da sua vovó, Chapeuzinho?”

“Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta”, disse Chapeuzinho Vermelho.

O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.”

O lobo caminhou ao lado de Chapeuzinho Vermelho por algum tempo. Depois disse: “Chapeuzinho, notou que há lindas flores por toda parte? Por que não para e olha um pouco para elas? Acho que nem ouviu como os passarinhos estão cantando lindamente. Está se comportando como se estivesse indo para a escola, quando é tudo tão divertido aqui no bosque.”

Chapeuzinho Vermelho abriu bem os olhos e notou como os raios de sol dançavam nas árvores. Viu flores bonitas por todos os cantos e pensou: “Se eu levar um buquê fresquinho, a vovó ficará radiante. Ainda é cedo, tenho tempo de sobra para chegar lá, com certeza.”

Chapeuzinho Vermelho deixou a trilha e correu para dentro do bosque à procura de flores. Mal colhia uma aqui, avistava outra ainda mais bonita acolá, e ia atrás dela. Assim, foi se embrenhando cada vez mais na mata.

O lobo correu direto para a casa da avó de Chapeuzinho e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho. Trouxe uns bolinhos e vinho. Abra a porta.”

“É só levantar o ferrolho”, gritou a avó. “Estou fraca demais para sair da cama.”

O lobo levantou o ferrolho e a porta se escancarou. Sem dizer uma palavra, foi direto até a cama da avó e a devorou inteirinha. Depois, vestiu as roupas dela, enfiou sua touca na cabeça, deitou-se na cama e puxou as cortinas.

Enquanto isso Chapeuzinho Vermelho corria de um lado para outro à cata de flores. Quando tinha tantas nos braços que não podia carregar mais, lembrou-se de repente de sua avó e voltou para a trilha que levava à casa dela. Ficou surpresa ao encontrar a porta aberta e,

ao entrar na casa, teve uma sensação tão estranha que pensou: “Puxa! Sempre me sinto tão alegre quando estou na casa da vovó, mas hoje estou me sentindo muito aflita.”

Chapeuzinho Vermelho gritou um olá, mas não houve resposta. Foi então até a cama e abriu as cortinas. Lá estava sua avó, deitada, com a touca puxada para cima do rosto. Parecia muito esquisita.

“Ó avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para melhor te escutar!”

“Ó avó, que olhos grandes você tem!”

“É para melhor te enxergar!”

“Ó avó, que mãos grandes você tem!”

“É para melhor te agarrar!”

“Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo

com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levava, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.”

Chapeuzinho Vermelho

Charles Perrault

ERA UMA VEZ uma pequena aldeã, a menina mais bonita que poderia haver . Sua mãe era louca por ela e a avó, mais ainda. Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno capuz vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam Chapeuzinho Vermelho.

Um dia sua mãe, que assara uns bolinhos, lhe disse: “Vá visitar sua avó para ver como ela está passando, pois me disseram que está doente. Leve para ela um bolinho e este potinho de manteiga.”

Chapeuzinho Vermelho partiu imediatamente para a casa da avó, que morava numa outra aldeia. Ao passar por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não se atreveu, por causa dos lenhadores que estavam na floresta. Ele lhe perguntou para onde ia. A pobre menina, que não sabia que era perigoso parar e dar ouvidos a um lobo, respondeu:

“Vou visitar minha avó e levar para ela um bolinho com um potinho de manteiga que minha mãe está mandando.”

“Sua avó mora muito longe?” perguntou o lobo.

“Ah! Mora sim”, respondeu Chapeuzinho Vermelho. “Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia.”

“Ótimo!” disse o lobo. “Vou visitá-la também. Vou por este caminho aqui e você vai por aquele caminho ali. E vamos ver quem chega primeiro.”

O lobo pôs-se a correr o mais que podia pelo caminho mais curto, e a menina seguiu pelo caminho mais longo, entretendo-se em catar castanhas, correr atrás das borboletas e fazer buquê com as flores que encontrava. O lobo não demorou muito para chegar à casa da avó. Bateu: Toc, toc, toc.

“Quem está aí?”

“É sua neta, Chapeuzinho Vermelho”, disse o lobo, disfarçando a voz. “Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.” A boa avó, que estava de cama por andar adoentada, gritou: “Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.”

O lobo puxou a lingueta e a porta se abriu. Jogou-se sobre a boa mulher e a devorou num piscar de olhos, pois fazia três dias que não comia. Depois fechou a porta e foi se deitar na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho, que pouco tempo depois bateu à porta. Toc, toc, toc. “Quem está aí?”

Ouvindo a voz grossa do lobo, Chapeuzinho Vermelho primeiro teve medo, mas, pensando que a avó estava gripada, respondeu: “É sua neta, Chapeuzinho Vermelho. Estou trazendo um bolinho e um potinho de manteiga que minha mãe mandou.”

O lobo gritou de volta, adoçando um pouco a voz: “Puxe a lingueta e o ferrolho se abrirá.”

Chapeuzinho Vermelho puxou a lingueta e a porta se abriu. O lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo das cobertas:

“Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima da arca, e venha se deitar comigo.”

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela:

“Minha avó, que braços grandes você tem!”

“É para abraçar você melhor, minha neta.”

“Minha avó, que pernas grandes você tem!”

“É para correr melhor, minha filha.”

“Minha avó, que orelhas grandes você tem!”

“É para escutar melhor, minha filha.”

“Minha avó, que olhos grandes você tem!”

“É para enxergar você melhor, minha filha.”

“Minha avó, que dentes grandes você tem!”

“É para comer você.”

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

MORAL

Vemos aqui que as meninas,

E sobretudo as mocinhas

Lindas, elegantes e finas,

Não devem a qualquer um escutar.

E se o fazem, não é surpresa

Que do lobo virem o jantar.

Falo “do” lobo, pois nem todos eles

São de fato equiparáveis.

Alguns são até muito amáveis,

Serenos, sem fel nem irritação.

Esses doces lobos, com toda educação,

Acompanham as jovens senhoritas

Pelos becos afora e além do portão.

Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos,

São, entre todos, os mais perigosos.

1 - Você deve ter reparado que há algumas semelhanças nas duas versões da história lida. Os personagens, por exemplo, são os mesmos nos dois textos? Provavelmente você respondeu que sim, mas há algumas diferenças! Diga quais são esses personagens.

Resposta comentada: Você sentiu falta de alguém no segundo texto? Embora nas duas histórias estejam presentes a mãe, a avó, Chapeuzinho e o Lobo, na segunda história não há o caçador para salvar a menina!

2 - O narrador de um texto é aquele que conta a história, que narra o que fizeram os personagens em algum lugar. Nos dois textos que você leu o narrador é também personagem? Ou ele está só contando o que aconteceu sem participar diretamente, o chamado narrador-observador?

Resposta comentada: Você deve ter reparado que os dois narradores contam a história sem participar diretamente dela, sem se fazer personagem, certo? É o que chamamos de narrador-observador. Porém, na moral do segundo texto, há um trecho: "Falo "do" lobo", ou seja, há uma primeira pessoa característica do narrador-personagem aqui.

3 - Quanto ao espaço, ou seja, o lugar ou os lugares onde acontece a história, há basicamente dois: a floresta e a casa da vovó. Depois de ler os dois textos, identifique a descrição que Chapeuzinho faz da casa da vovó no primeiro e no segundo texto, e diga quais são as diferenças das duas descrições.

Resposta comentada: Você reparou que no primeiro texto Chapeuzinho dá uma descrição mais detalhada da casa, destacando inclusive como era o ambiente em volta? Ela diz: "Fica a um bom quarto de hora de caminhada mata adentro, bem debaixo dos três carvalhos grandes. O senhor deve saber onde é pelas aveleiras que crescem em volta". Já no segundo texto, a personagem descreve com menos detalhes: "Mora depois daquele moinho lá longe, bem longe, na primeira casa da aldeia."

4 - Nós chamamos de enredo a história que é contada, ou seja, o que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, com quem... Provavelmente, depois que você leu as duas histórias

da Chapeuzinho Vermelho, percebeu que há algumas pequenas diferenças entre elas. Quais são essas diferenças?

Resposta comentada: Você viu que as diferenças são pequenas mesmo? No primeiro texto, quando Chapeuzinho encontra o lobo na floresta, os dois ainda caminham juntos um pouco; no segundo, não. No segundo texto já não há a presença do caçador para salvar a Chapeuzinho, o que faz com que o final das duas histórias também seja diferente.

5 - Quando lemos uma história, também percebemos que ela se passa em algum tempo. Mesmo que ele não esteja especificado com dia, mês ou ano, podemos dizer se a história se passa no presente ou no passado através dos verbos, que são palavras que indicam ação e tempo. Observe os verbos nesse trecho: " Chapeuzinho Vermelho **abriu** bem os olhos e **notou** como os raios de sol dançavam nas árvores. **Viu** flores bonitas por todos os cantos e **pensou** [...]". Sendo assim, pelos verbos destacados, em qual tempo as histórias se passam?

Resposta comentada: Pelos verbos, podemos perceber que a história é narrada como algo que já aconteceu, no passado. No entanto, como não há uma data específica, podemos dizer que a história se passa em um passado indeterminado.

6 - A moral de uma história é um ensinamento, uma mensagem que está relacionada com o final da história. Depois de ler as duas versões da "Chapeuzinho Vermelho", você deve ter percebido que cada moral descreve uma coisa que Chapeuzinho não deve fazer, o que são essas coisas?

Resposta comentada: É possível tirar lições das histórias que ouvimos. A primeira história mostra em sua moral que não devemos desobedecer nossos pais e desviar do caminho que eles orientaram. Já a segunda história mostra que as meninas não devem ouvir "lobos", por mais educados e gentis que eles sejam, pois podem ser muito perigosos.

7 - Leia o trecho: "Esta boa senhora mandou fazer para a menina um pequeno **capuz** vermelho. Ele lhe assentava tão bem que por toda parte aonde ia a chamavam **Chapeuzinho** Vermelho." De acordo com a leitura feita, podemos dizer que as duas palavras têm o mesmo significado? Por que uma está escrita com letra minúscula e outra com letra maiúscula?

Resposta comentada: Você reparou que capuz e Chapeuzinho, embora sejam sinônimos, não têm o mesmo significado? Capuz, no texto, é uma peça de roupa da menina; Chapeuzinho é o nome da personagem, por isso se escreve com letra maiúscula, um substantivo próprio. Já capuz, por ser um substantivo comum, se escreve com letra minúscula.

Atividade pós-textual (Após a realização da atividade, o professor pode conversar sobre a compreensão das duas versões, ressaltando com os alunos semelhanças e diferenças, de qual gostaram mais e se acham que existem mais versões da mesma história, preparando uma introdução para a aula 3)

SEGUNDA ATIVIDADE - Dialogando com a terceira versão

Atividade pré-textual (O professor relembra com os alunos as versões da história da Chapeuzinho Vermelho lidas, e retomará perguntas feitas na aula 2: Será que ainda existem outras versões da mesma história? O que muda? São com os mesmos personagens?)

Atividade textual (O professor fará a leitura do texto ou pode pedir aos alunos que façam essa leitura em voz alta. Depois, antes de responder às questões, explorará as impressões dos alunos, relacionando as três versões da história.)

Chapeuzinho e o Lobo Mau

Pedro Bandeira

Há muito, muito tempo, havia uma menininha que estava começando a crescer.

Por isso, ganhou uma capinha vermelha e todo mundo passou a chamá-la de Chapeuzinho Vermelho.

Chapeuzinho tinha mamãe e tinha vovó.

Devia também ter papai e vovô, mas nenhum deles entra nesta história.

Naquele tempo, não havia televisão, e as vovós, em vez de fazer tricô e assistir novela, faziam tricô e comiam doces.

Por isso, era costume todas as netinhas levar doces para as vovozinhas, e não as vovozinhas trazerem doces para as netinhas, como hoje em dia.

Certa vez, quando a mamãe estava preparando a cestinha para Chapeuzinho levar doces para a Vovó, a menina perguntou:

– Que pãezinhos são esses, mamãe?

– Chamam-se brioches, Chapeuzinho – respondeu a mamãe.

Na verdade, como esta história é francesa, Chapeuzinho sabia muito bem o que eram brioches. Mas dessa vez a menina resolveu fazer essa pergunta para a mãe porque você nasceu no Brasil e pode não saber o que são brioches.

Agora você já sabe: brioches são uns pãezinhos franceses muito gostosos.

– Chapeuzinho – recomendou a mãe. – Está na hora de levar a cestinha de doces para a Vovó. Mas não vá pela estrada da floresta, que lá é muito perigoso!

– Hum... Está bem, mamãe.

Pronta a cesta, com brioches e tudo, Chapeuzinho deu uma beijoca na mãe e saiu pulando alegremente para a casa da Vovó.

Enquanto pulava, a menina ia pensando:

“Pela estrada que dá volta no lago? Ah, por lá demora muito! Vou mesmo é pela estrada da floresta, que é muito mais bonita! Afinal, eu até já ganhei um chapeuzinho vermelho e posso muito bem escolher os meus próprios caminhos, em vez de andar sempre pelos caminhos dos adultos, não é?”.

E continuou com seus pulinhos na direção da floresta.

Acontece que, naquele tempo, todos os lobos viviam soltos e famintos pela floresta e não em jardins zoológicos, onde eles ficam instalados com muito mais conforto e comem toda a comida que querem.

Mas, como lobo não é burro, qualquer um deles prefere ficar faminto e solto do que alimentado e preso, não é?

E, naquela floresta, havia um lobo especialmente esperto e terrivelmente faminto.

Enquanto Chapeuzinho atravessava a floresta, o Lobo pensava:

“Hum... está na hora do almoço. Aliás, faz três dias que está na hora do almoço e eu não almocei ainda. Mas, que barulho é esse? Ah! É uma menininha! E com uma cestinha de comida! Vou me esconder atrás desta árvore para ver onde ela vai...”

Sem saber o que estava para acontecer, Chapeuzinho vinha correndo atrás de uma borboleta, quando ouviu uma voz:

– Psiu... menininha! – chamava o Lobo, escondido atrás da árvore.

– Hein? Quem está falando?

– Sou eu – mentiu o Lobo. – O vento que atravessa as folhas das árvores...

– Ahn... Bom dia, Seu Vento...

– Bom dia. Como é o seu nome?

– Isso eu não sei, porque todo mundo que escreveu minha história nunca se lembrou de dizer qual é o meu nome de verdade. Mas meu apelido eu sei. Todos me chamam de Chapeuzinho Vermelho.

– Oh, mas que lindo nome! E o que você leva aí?

– Na cestinha? Tem bolo de chocolate...

– Ai! – gemeu a fome do Lobo.

– ...tem torta de amoras...

– Ui! – torceu-se a barriga do Lobo.

– ...e tem brioches!

– Ai! Ui! – fez o Lobo, que também era francês e sabia muito bem o que são brioches.

– O que foi, Seu Vento? Por que o senhor está gemendo? Estranhou a menininha.

– Ah, não é nada – mentiu o lobo, que era um grande mentiroso. – É que eu estou ventando em cima de uma árvore de espinhos...

Já com um plano terrível em sua cabeça de lobo, o lobo perguntou:

– E aonde vai você com todos esses doces?

– Vou levar para a Vovó, que mora do outro lado da floresta.

– Hum...que menina boazinha! Do outro lado da floresta, é? Hum... Mas não posso ficar mais conversando com você. Tenho de ventar em outras partes. Adeus! Uuuuuuuu...

Chapeuzinho parou, pensou e achou que aquele barulho era mais uivo de lobo que ventada de vento, só que não podia ficar parada e pensando o dia todo e continuou seu caminho.

Como lobo corre muito e menina corre pouco, o lobo chegou primeiro na casa da Vovó e bateu logo na porta: Toc, toc!

– Quem é? – perguntou a Vovó, lá de dentro.

– Sou eu – respondeu o malandro do Lobo, disfarçando o vozeirão. – Sua netinha!

– Chapeuzinho Vermelho! Que bom que você veio me visitar! Pode entrar, a porta está aberta.

A porta fez nhééc!... e, na soleira da porta, a Vovó viu...

– A uva! – adiantaria aquele leitor que ainda se lembra das lições da cartilha.

Só que a Vovó não viu nenhuma uva.

O que a Vovó viu foi...

– O lobo! Socorro!

Quem visse uma vovó gordinha como aquela duvidaria que ela pudesse fugir até de tartaruga.

Mas o que estava à frente da Vovó não era uma tartaruga. Era um lobo.

A Vovó tentou fugir pela porta dos fundos, mas o Lobo era rápido, e ficava mais rápido ainda quando estava faminto.

Abriu um bocão enorme e... nhac! – engoliu a Vovó inteirinha!

– Nham, nham! – fez o Lobo, satisfeito. – Não deu nem pra sentir o gosto, mas deu pra encher uma boa parte da minha barriga tão vazia! Agora é só esperar pela sobremesa... Uma menina gorduchinha e uma cesta cheia de doces e de brioches!

O Lobo estava satisfeitiíssimo e planejou uma forma divertida de esperar pela sobremesa:

– Tive uma idéia! Mas que lobo esperto que eu sou! Vou me disfarçar de avó para enganar a netinha!

Foi espiar nas gavetas da Vovó e encontrou tudo o que queria. Pôs-se na frente do espelho e começou a vestir-se de avó.

– Primeiro a camisola... isso! Agora uma touca e, por fim... hum, está faltando alguma coisa... deixa ver...

O que estaria faltando para o lobo ficar igualzinho à Vovó?

Foi aí que o pezão do Lobo esbarrou em alguma coisa que a Vovó tinha deixado cair quando foi engolida por ele.

– Os óculos da Vovó! É isso! Ah, que maravilha! Estou tal qual a velha!

Nesse momento, bateram de leve na porta: Tic, tic!

Mais que depressa, o Lobo enfiou-se na cama e fez voz de velha:

– Quem é? Quem está aí?

– Sou eu, sua netinha.

– Pode entrar, Chapeuzinho – convidou o Lobo, já lambendo os beiços...

A menina entrou e, no quarto meio escuro, olhou para o lado da cama.

Lá estava um vulto de touca enfiado debaixo da colcha.

Não parecia nada com a Vovó, mas a menina sabia que, se alguém estava deitado naquela cama, com aquela touca e com aqueles óculos, esse alguém só poderia ser a Vovó.

Mesmo assim, Chapeuzinho resolveu tirar as dúvidas:

– Como a senhora está diferente, Vovó...

– Você acha, Chapeuzinho?

– Por que esses olhos tão grandes?

– Para te ver melhor... – uivou o Lobo.

- E por que essas orelhas tão grandes?
- Para te ouvir melhor, minha querida...
- Mas por que essa boca tão grande, Vovozinha?
- Queres saber? – riu-se o Lobo. – Queres mesmo? Então... é pra te comer!
- Socorro! – gritou a menina. – O Lobo!

O bicho pulou de camisola e tudo para pegar a menina, só que esqueceu de tirar os óculos, que eram muito bons para olhos de vovó, porém péssimos para olhos de lobo.

Resultado: o Lobo não viu direito aonde ia e foi cravar os dentes no pé da cama!

Sem perder nem um minuto, Chapeuzinho correu para fora.

O Lobo abriu a boca para livrar os dentes do pé da cama e também correu para fora, atrás da Chapeuzinho.

A menina levou muito a sério aquela brincadeira de pegador, só que não adiantou nada.

O Lobo veio por trás com aquele bocão e... nhac! – engoliu também a menina com chapeuzinho vermelho e tudo!

– Ah, ah, ah! Que delícia! Agora, sim, a minha barriga pode parar de roncar de fome!

Naquele instante, apareceu um lenhador, que há tempos estava atrás daquele lobo malvado. Chegou e achou estranho aquela vovó tão peluda, de camisola e com uma barriga tão grande.

– Ouvi uma gritaria por aqui... – disse o lenhador, meio desconfiado, ajeitando a espingarda que trazia. – Você sabe o que foi?

Com vovó e com menina, o Lobo até que podia, mas, com um lenhador fortão, a coisa era diferente.

O jeito era disfarçar. E o melhor meio de disfarçar é ir logo dando bronca:

– Vê se dobra a língua! Quem lhe deu licença de me chamar de “você”? Seu malcriado! Eu sou uma senhora!

O lenhador achou meio estranha aquela voz de falsete e estranhou mais ainda aquela vovó com uma barriga quase estourando a camisola...

– Desculpe, dona... Mas eu estou achando a senhora uma vovó meio diferente...

Naquele momento, a barriga do Lobo roncou.

Foi mais do que um ronco. Foi...

– Um pum! – diria um leitor mais safadinho.

Sem brincadeira, tá? Esta história está chegando ao seu ponto mais importante e é melhor prestar atenção em vez de ficar fazendo brincadeiras!

O que saía da barriga do Lobo era mesmo um pedido de ...

– Socorro! Estamos aqui!

– Aqui? – desorientou-se o Lenhador, sem saber de onde vinha aquela voz tão fina e abafada.

– Aqui onde?

– Aqui! Dentro da barriga do Lobo!

O lenhador nunca tinha ouvido barriga falar e, como era muito inteligente, logo percebeu o que estava acontecendo.

– Seu malvado! Você não é senhora coisa nenhuma! Na certa é o lobo que ando perseguindo!

– Socorro! Socorro! – repetiu a vizinha da Vovozinha dentro da barriga do Lobo.

– Socorro! – remedou o Lobo, apavorado, tentando fugir para a floresta, de camisola e tudo.

Mas estava pesadíssimo depois daquela dupla refeição.

Foi só o Lenhador levantar a espingarda e... pimba! – lá estava o malvado no chão, derrubado por um tiro certo!

– Que horror! Esse lobo deve ter engolido alguém! O que é que eu faço agora?

De dentro da barriga morta do Lobo veio uma vizinha muito fina:

– Abra a barriga do Lobo, Seu Lenhador!

O Lenhador não perdeu tempo. Pegou um enorme facão e... zip! – abriu a barriga do Lobo de cima a baixo!

Lá dentro, abraçadinhas, estavam uma velha e uma menina!

– Que bom! – aliviou-se o Lenhador. – Vocês estão vivas!

As duas, Vovó e menina, saíram de dentro do Lobo, aliviadas:

– Minha netinha!

– Vovó!

– O senhor nos salvou, Seu Lenhador! – agradeceu a menina. – Nós já estávamos sufocadas, dentro daquela barriga horrível! Muito obrigada!

– Não há de quê... O que importa é que agora esse Lobo malvado não vai devorar mais ninguém!

– Que bom, Seu Lenhador! Agora estamos sossegadas – agradeceu a Vovó. – E o senhor está convidado a tomar lanche conosco.

E a história teve um final feliz, com todo mundo comendo bolo de chocolate, torta de amoras e... brioques.

Você sabe o que são brioques? Brioques são pãezinhos franceses que...

Eu já disse isso tudo?

Bom, então a história acabou.

Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioques me deu uma fome!

1 - Agora você já leu três versões diferentes da mesma história! Vamos ver algumas informações sobre os autores dessas versões:

- *Os irmãos Grimm* foram dois irmãos escritores alemães que morreram entre as décadas de 1850 e 1860.
- *Charles Perrault* foi um escritor e poeta francês, que nasceu em 1628 em Paris e morreu em 1703.

- **Pedro Bandeira** tem 74 anos, é um escritor brasileiro de livros infantojuvenis.

Em relação à linguagem, à forma como é contada cada história, há algumas diferenças entre elas, certo? As informações que você leu sobre os autores têm influência nessas diferenças?

Resposta comentada: Você reparou que há muitas diferenças entre os autores? Enquanto um nasceu há mais de 300 anos, como é o caso de Perrault, outro ainda está vivo e é brasileiro, como é o caso de Pedro Bandeira. Certamente essas diferenças da época e dos lugares em que nasceram têm influência na linguagem, na forma de escrita e em como recriaram essa história que ouviram e/ou leram!

2 - Baseado no que você sabe sobre as outras versões da Chapeuzinho Vermelho, por que Pedro Bandeira, o autor de "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau" diz que "essa história é francesa"?

Resposta comentada: Qual dos nossos autores é francês? Pedro Bandeira afirma que essa história é francesa porque certamente leu a versão de Charles Perrault antes de escrever a sua história da Chapeuzinho Vermelho.

3 - No texto "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo mau", o encontro da Chapeuzinho Vermelho com o Lobo é diferente das outras versões da história. Com base nessa diferença, responda:

a) Descreva essa cena:

Resposta comentada: Como as histórias são escritas de formas diferentes, o encontro da Chapeuzinho com o Lobo também é:

Texto 1: os dois se encontram na floresta e o Lobo é simpático com Chapeuzinho, inclusive caminhando um pouco com ela e mostrando as belezas do lugar.

Texto 2: os dois se encontram na floresta e o Lobo a manda por outro caminho enquanto corre por um atalho para chegar primeiro à casa da avó.

Texto 3: o Lobo não se mostra para Chapeuzinho, se esconde e conversa com ela fingindo ser o vento.

b) Que semelhanças e diferenças há entre as três cenas e de qual você mais gostou?

Embora todos os encontros aconteçam na floresta, no primeiro o Lobo é simpático, no segundo é mais direto, logo desviando Chapeuzinho de seu caminho e no terceiro o Lobo se esconde, fingindo-se de vento. E aí, qual você mais gostou?

4 - Ainda sobre o texto de Pedro Bandeira, além da mãe, de Chapeuzinho, do Lobo, da Vovó e do Lenhador, há mais alguém que fala na história, como podemos observar nesse trecho final: " Com licença, que eu já vou indo, porque essa história de brioches me deu uma fome!". Você lembra como é o nome que se dá a ele?

Resposta comentada: Lembrou que ele se chama narrador e nesse caso é quase um personagem da história, de tanto que comenta os fatos que narra?

5 - A fábula, como você sabe, é um texto que conta uma história inventada, porém isso não impede que haja elementos do mundo real na história. Depois da leitura das três versões da Chapeuzinho Vermelho, escreva o que você acha que há do mundo real nas três histórias e o que não poderia ser real nelas.

Resposta comentada: Com certeza, você deve ter reconhecido como elementos reais uma menina levar doces para a avó e uma floresta com lenhadores. Além disso, deve ter percebido que no mundo real não é possível um Lobo criar um plano e enganar alguém, muito menos uma pessoa estar viva na barriga de um Lobo. Mas temos a imaginação!

Atividade pós-textual (O professor pode fazer uma comparação entre as três versões lidas, explorar as impressões dos alunos sobre as leituras e anunciar que na próxima aula haverá outra versão da história, só que dessa vez não será na forma de texto escrito, para introduzir a aula 4)

TERCEIRA ATIVIDADE - Diálogo em outra semiose e diagnóstico final

Atividade inicial: Filme "Deu a louca na Chapeuzinho". (*Recomendamos uma exibição de filme confortável e informal, transcorrendo de forma prazerosa para os alunos.*)

Diagnóstico final: (*O professor deve procurar sanar todas as possíveis dúvidas dos alunos na resolução das questões sem, no entanto, procurar interferir em suas respostas para um diagnóstico mais fidedigno.*)

1 - Vimos até aqui quatro versões da mesma história. Discuta com seus colegas e escreva quais são as principais semelhanças e diferenças:

- a) Entre a primeira e a segunda versão
- b) Entre a segunda e a terceira versão
- c) Entre as versões escritas e o filme

Resposta comentada: Aqui não há um modelo de resposta, discuta bastante com seus colegas e registre as semelhanças e diferenças das quatro versões da Chapeuzinho Vermelho!

2 - Os personagens são os mesmos em todas as versões da história. Porém, mudam de atitudes em algumas versões. Escolha um personagem e comente suas mudanças de acordo com a versão da história, dizendo como ele agiu em determinada versão, que características mudaram de uma versão para outra e como foi o final dele em cada história.

Resposta comentada: Aqui não há um modelo de resposta, escolha um personagem de sua preferência e registre as semelhanças e diferenças dele nas quatro versões da Chapeuzinho Vermelho!

3 - Agora é a sua vez! Escreva a sua versão da história da Chapeuzinho Vermelho, utilizando os mesmos personagens: Chapeuzinho, Lobo, Vovó e Caçador. Você pode acrescentar outros

personagens, se quiser. Solte a imaginação e conte a história de acordo com a sua criatividade!

Resposta comentada: Aqui também não há um modelo de resposta: só solte a sua imaginação e seja você mesmo um escritor recriando a história da Chapeuzinho Vermelho!

Sugestão de outras versões de Chapeuzinho Vermelho:

Chapeuzinho Amarelo - livro de Chico Buarque

A Garota da Capa Vermelha - direção de Catherine Hardwicke - 2011